

# iscte

INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

## **Núcleo Museológico de Alverca**

Joia Nené Carlos Dabó

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:

Prof. Doutora Sofia Costa Macedo, Professora Auxiliar Convidada  
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2022



SOCIOLOGIA  
E POLÍTICAS PÚBLICAS

---

Departamento de História

## **Núcleo Museológico de Alverca**

Joia Nené Carlos Dabó

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:

Prof. Doutora Sofia Costa Macedo,

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2022

## **AGRADECIMENTOS**

Antes de mais, gostaria de agradecer à minha orientadora, Prof. Doutora Sofia Costa Macedo, por ter aceito entrar nesta aventura comigo. E por me ter guiado durante todo este percurso, da elaboração da tese. Às minhas colegas de curso (Ana Patrícia Semedo e Ana Rita Dias), por terem iniciado a descoberta deste Núcleo Museológico de Alverca comigo. E por terem apoiado em cada momento do planeamento da tese. Às minhas melhores amigas, por me ouvirem em cada frustração. E por fim, agradeço à minha família por sempre ter acreditado em mim e por nunca duvidar das minhas capacidades.



## **RESUMO**

É aceite que os Museus e todos os seus núcleos desempenham hoje um papel importante na comunidade onde se inserem e na sociedade em geral. Enquanto espaços de cultura e educação têm a capacidade de transformar a atuação de um país. Apesar de exercerem um papel de importância, são muitos os desafios que os museus enfrentam, para a sua subsistência e para estabelecer e manter uma relação com o(s) seu(s) público(s).

O Núcleo Museológico de Alverca é uma das instituições que, apesar de ser pequeno em tamanho, desempenha grandes ações em relação à sua comunidade, e que desde a sua criação se define como uma relação de proximidade. Em que se materializa essa relação e como se operacionaliza? Procura-se contribuir para identificar o valor que tem a comunidade para o Núcleo Museológico de Alverca e como este se organiza em função daquela.

Palavras-chave: Comunidade; Gestão Cultural; Público; Núcleo Museológico de Alverca

## **ABSTRACT**

It is accepted that museums play today an important role in the community in which they operate and in society in general. Being culture and education spaces, museums have the capacity to transform a country. Despite playing an important role, there are many challenges that museums face, especially in their maintenance and relationship with their audience(s).

The Alverca Museum (a part of the Vila Franca de Xira Municipal Museum) is one of the institutions that, despite being small in size, performs great actions in relation to its community, with whom a relationship of proximity has been defined since its creation. How does this relationship materialize and how is it operationalized? This dissertation seeks to contribute to the identification of the value that the community has for the Museum of Alverca and how the museum considers the community in its organization.

Keywords: Community; Cultural Management; Public; Alverca Museum

# ÍNDICE

RESUMO .....	V
ABSTRACT.....	VI
ÍNDICE DE FIGURAS .....	IX
ÍNDICE DE QUADROS .....	IX
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. METODOLOGIA .....	5
CAPÍTULO 2. ESTADO DA ARTE – OS MUSEUS E A COMUNIDADE.....	9
2.1. A evolução da relação entre os Museus e as Comunidades.....	10
2.2. A evolução dos museus em Portugal .....	13
2.3. A gestão de um Museu de proximidade .....	17
2.4. A comunicação num museu de proximidade.....	20
CAPÍTULO 3. O NÚCLEO MUSEOLÓGICO DE ALVERCA .....	23
3.1. Resumo da história de Alverca .....	23
3.2. O núcleo museológico de Alverca.....	26
3.2.1. Orgânica do Núcleo Museológico da Alverca.....	31
3.2.2. Programação do Núcleo Museológico de Alverca .....	33
Visitas guiadas: .....	33
Oficinas Temáticas .....	36
Em defesa do património .....	40
Tradição oral.....	41
Encontros com a História e o Património .....	42
CAPÍTULO 4. O NÚCLEO MUSEOLÓGICO DE ALVERCA E A COMUNIDADE: RELAÇÕES .....	47
4.1. Os públicos do NNMA .....	48
4.2. A Gestão do Núcleo de Alverca .....	50
4.3. Comunicação do Núcleo.....	52
5. CAPÍTULO 5. O NÚCLEO DE ALVERCA E OUTROS NÚCLEOS MUSEOLÓGICOS. UMA COMPARAÇÃO POSSÍVEL .....	55
CONCLUSÃO.....	61
FONTES .....	65
BIBLIOGRAFIA .....	67
ANEXOS .....	I

Anexo A – Guião de entrevista aplicado .....	I
Anexo B -.....	III
Anexo C - Folha de registo de entrada de públicos, desde finais de 2018 até hoje. Critérios de idade, nacionalidade e local de residência.....	IV
Anexo C - Planta do Núcleo Museológico de Alverca.....	V
Anexo D – Listagem dos participantes nos Programas do MMNA, por escalão etário ....	VI



## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> Localização de Alverca no mapa de Portugal. ....	23
<b>Figura 2.</b> Praça João Mantas, Alverca. Finais do século XIX. ....	27
<b>Figura 3.</b> Planta da Casa da Câmara. ....	28
<b>Figura 4</b> Entrada do Núcleo Museológico de Alverca. ....	29
<b>Figura 5.</b> Imagem da exposição. ....	34
<b>Figura 6.</b> Imagem do espaço expositivo.....	34
<b>Figura 7.</b> Imagem da atividade a decorrer.....	35
<b>Figura 8.</b> Imagem da comunicação da exposição.....	36
<b>Figura 9.</b> Imagem da oficina temática.....	37
<b>Figura 10.</b> Imagem da oficina temática.....	38
<b>Figura 11.</b> Imagem da Oficina do Ferrador.....	38
<b>Figura 12.</b> Imagem da Oficina. ....	39
<b>Figura 13.</b> Imagem da Oficina do Azeite.. ....	39
<b>Figura 14.</b> Imagem da atividade. ....	40
<b>Figura 15.</b> Imagem dos materiais.....	41
<b>Figura 16.</b> Imagem alusiva à atividade.. ....	42
<b>Figura 17.</b> Imagem alusiva à atividade.. ....	42
<b>Figura 18.</b> Imagem alusiva a um colóquio.....	44
<b>Figura 19.</b> Fachada do Núcleo Museológico.....	47
<b>Figura 20.</b> Museu do Mar Rei D. Carlos, em Cascais.....	56

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Divisão etária por programação no MMNA. ....	37
Quadro 2. Participantes no Programa Encontros com a história e património. ....	43
Quadro 3. Participantes nas atividades do MMNA no ano de 2019. ....	45



## INTRODUÇÃO

«Le musée ne saurait enseigner; en revanche, il peut créer une atmosphère qui donne envie d' apprendre» (Hudson, 1993: 209).

Para podermos perceber de que forma as instituições museológicas funcionam, precisamos viajar no tempo para encontrar a sua origem. A palavra MUSEU, como hoje o conhecemos surge na antiguidade com nome MUSEION, um bosque mítico onde habitavam as musas de Apolo, encarregues de proteger as artes, que se situava em Alexandria e foi instituído por Ptolomeu Soter, o rei do Egito, que tomou a iniciativa após ser aconselhado pelos filósofos de Atenas.

Tinha como características ser um local rodeado por edifícios e de átrios, mostrando uma sociedade de letras e desta forma era possível ver circular grupos de letrados dedicados exclusivamente a esse culto. A designação volta a surgir no século XV como MUSEUM, um novo conceito desta vez para se referir a objetos culturais e artistas pertencentes a esse movimento.

Da museologia entende-se a ciência que estuda os museus. A palavra museologia teria como significado algo apresentável como, por exemplo, um trabalho; só mais tarde seria estabelecido a definição que conhecemos.

A museologia tem como objetivo a análise dos programas que cada instituição museológica apresenta seja qual for o seu formato:

« Une science appliquée, la science du musée. Elle en étudie l'histoire et le rôle dans la société, les formes spécifiques de recherche et de conservation physique, de présentation, d'animation et de diffusion, d'organisation et de fonctionnement, d'architecture neuve ou muséalisée, les sites reçus ou choisis, la typologie, la déontologie » (Rivière, 1981: 18).

É neste mundo chamado Museu que vai se desdobrar este trabalho, promovendo uma contextualização histórica sobre a sua gestão e as suas problemáticas, e como estes têm evoluído ao longo dos tempos. Tendo a noção, que neste momento devido a pandemia da COVID-19, muitas destas problemáticas se agravaram e fizeram refletir sobre a gestão dentro e fora das instituições culturais.

Com a questão de partida "De que forma o Núcleo Museológico de Alverca e a sua comunidade são interinfluenciados", pretendo dar a conhecer o trabalho desenvolvido por parte desta instituição e de que forma esse trabalho é planeado em função da sua comunidade. Uma comunidade de gente que vive do seu quotidiano e nesta cidade chamada Alverca. Uma cidade

pertencente ao concelho de Vila Franca de Xira, que deste os tempos remotos foi rodeado de muita história e de património. Alverca, apesar de pouco se conhecer sobre a sua origem, foi uma cidade que atraiu muita atenção pela sua localização no vale do Tejo, e pela atuação da administração local que permitiu desenvolver a pequena localidade no que é na sua atualidade.

Alverca, na Idade Média, foi-se desenvolvendo demograficamente ao longo do alto da colina, situando a sua povoação dentro das muralhas, uma característica habitual na época e que deu ao local o topónimo de Colina do Castelo.

Apesar de estar localizada num ponto estratégico da região de Lisboa, a cidade de Alverca não foi um palco de estratégia militar; o único acontecimento relevante teria sido a batalha de Alfarrobeira (uma batalha travada entre o D. Afonso V, rei de Portugal e o seu tio o Infante D. Pedro). Do Castelo quase nada se sabe, pensa-se ter sido construído pelo povo romano e que possivelmente ter servido de “casa senhorial” na Idade Média. Infelizmente depois do terramoto de 1755, essa construção ficou destruída, tendo só sobrado alguns traços da muralha.

A história do concelho de Alverca, conjuga-se com a construção da sua Casa da Câmara. Essa instituição que tanto influenciou o comportamento da sua comunidade e que introduziu um sistema administrativo que restringia a atuação da sua população.

Com o terramoto de 1755, este espaço praticamente ficou destruído, ou seja, a câmara já não era visível tendo necessitado de uma reconstrução uns anos depois. Essa reconstrução acontece em 1764, por ordem de Paulo de Carvalho de Mendonça que fazia parte do corpo de funcionários e provedor das capelas de D. Joao IV.

Neste trabalho, pretendo principalmente mostrar uma outra perspectiva dessa pequena localidade, através do estudo do seu Núcleo Museológico. Que tanta história compartilha com a sua gente, apesar do que muitos podem pensar, que pouco tem para oferecer. Mas deste pouco, é que surge a essência do seu trabalho. Um trabalho que se conjuga com a necessidade de não deixar perder no tempo toda a história. E desta forma, a criação de programas que incentivam a participação da comunidade, atribuindo cada projeto ao seu público. É assim, no desenvolver desse mundo museológico, chamado Núcleo Museológico de Alverca (MMNA), que me envolvo, para contar a sua história, dando a voz para se apresentar perante vós.

A estrutura do presente trabalho, desdobra-se em dois momentos. Num momento inicial, que corresponde ao capítulo 1, aborda-se a problemática que deu origem a este estudo, define-se a relevância do mesmo, assim como os objetivos. Explana-se também a metodologia utilizada para a concretização do mesmo.

Esta parte inicial continua com uma revisão dos conceitos, e centraliza-se sobre o que foi esse mundo museológico, descodificando a sua história e todas as suas problemáticas,

correspondendo ao capítulo 2, “Estado da Arte – Os Museus e a Comunidade”, cujo foco centra-se na definição e conceito de museu, a sua evolução desde o século XIX até ao século XX. O pretendido neste capítulo, é esclarecer a relação dos museus com as suas comunidades, onde começou essa conexão e quais as linhas que se ligam para a sua cooperação. E quais as problemáticas que surgem com essa relação, e como mantêm o funcionamento do mesmo. E deste modo, com essa relação explorar os respetivos significados e os conceitos que se relacionam com o processo e como caracterizam esse processo. Este trabalho tem em conta a reflexão atual sobre o papel dos museus, em concreto na realidade portuguesa, destacando o Relatório do Grupo de Trabalho Museus do Futuro, grupo criado a 18 de fevereiro de 2019, para um processo reflexivo sobre os Museus, Monumentos e Palácios.

Na segunda parte, apresenta-se o objeto de estudo, Núcleo Museológico de Alverca, e toda a sua gestão e relação com a sua comunidade, e no capítulo 3 “O núcleo museológico de Alverca”, começamos por introduzir a história da localidade, num olhar breve sobre o percurso de Alverca, essa pequena cidade que tem muito para contar. Em seguida, o foco centra-se na história do núcleo, desde a sua construção até aos nossos dias. Nesse capítulo, vamos explorar a gestão do núcleo, o seu envolver desde a sua missão, valores e a sua comunicação com a sua comunidade e o seu público. Vamos desvendar os seus programas, também pela voz dos seus principais responsáveis, e para que público se destina e qual a importância de desenvolver esse tipo de programas. Este Núcleo está essencialmente focado na criatividade e na dinamização dos seus programas, para torná-los mais acessíveis para toda gente e tendo sempre como objetivo as necessidades do seu público.



## **CAPÍTULO 1. METODOLOGIA**

O início deste trabalho passou por um levantamento dos conteúdos que iriam ser tratados. E a partir daí, foram estes conteúdos enquadrados pela bibliografia base desta investigação que assumiu duas vertentes: por um lado, bibliografia sobre o mundo museológico e a relação que estabelece com as comunidades, procurando elementos para perceber como os museus e a sua comunidade se relacionam um com o outro e como essa relação surgiu. Também foi investigado na bibliografia de que forma o público exerce a sua influência no planeamento de um museu e também de que forma esse planeamento é pensado para que esse mesmo público consiga aproximar-se das instituições culturais. Ao longo deste processo de descoberta do ponto de ligação entre os museus e a sua comunidade, foram existindo dificuldades nas informações recolhidas, sobretudo relacionadas com o que deveria ser o foco das leituras. Desse processo, acabei por tirar conclusões de como as instituições são representadas por diversas áreas e têm capacidade de se transformar e se adaptar as várias circunstâncias.

Ao pegar na questão de partida "De que forma o Núcleo Museológico de Alverca e a sua comunidade são influenciados um pelo outro", abre-se um campo de perguntas e respostas que chegam até ao objeto de estudo. Tendo em conta que falamos de uma instituição e da sua comunidade. O primeiro ponto foi perceber de que forma essa relação começou e como foi desenvolvendo ao longo do tempo. E de que forma, esse desenvolvimento foi favorável para os dois elementos. E se essa relação foi influenciado pelo seu meio envolvente ou não. Quais os meios usados para atrair esse público e quais as faixas etárias que se relacionam com as atividades e com os programas desenvolvidos por parte do núcleo. Foi um processo de decodificar dessa relação e da sua importância para todos os envolvidos nessa instituição.

E para tal descodificação foi consultada bibliografia de diversos autores, que acabaram por ser uma grande ajuda no desenvolvimento deste trabalho, com diferentes visões e vozes sobre esse mundo museológico. Autores que se identificam com a importância que o público exerce no mundo cultural e como a relação com as instituições foi evoluindo no decorrer dos tempos. Realço aqui o livro "Museums and their Communities" (Watson, 2007), chegando à conclusão que a relação entre uma comunidade é feita através de partilha histórica, de cooperação, de partilha e de preocupações. Uma instituição é capaz de se adaptar a sua sociedade e observar o seu comportamento, na medida em que partilha das mesmas necessidades desse grupo.

E assim, com essa problemáticas que envolvem esse mundo museológico que cada capítulo foi pensado para transmitir essa caminhada entre os museus e a sua comunidade. Um esclarecer dessa ligação que tanto une esses dois polos.

Esta investigação assumiu como objetivos principais:

- Contribuir para o conhecimento mais aprofundado do Núcleo Museológico de Alverca;
- Caracterizar o Núcleo Museológico de Alverca enquanto museu de comunidade;
- Identificar a relação que o Núcleo Museológico de Alverca tem com a sua comunidade.

Ao falarmos do meu objeto de estudo, foi um processo que começou no primeiro ano de mestrado para a cadeira de Gestão. Ao fazer esse trabalho tive a oportunidade de conhecer esta instituição, que se conecta com a sua comunidade. Ao fazer a entrevista com a diretora, consegui entender a relação do núcleo com o seu público e a sua interação com os mesmos. O núcleo localiza-se numa pequena praça em Alverca, e posiciona-se num lugar não central da cidade, não permitindo muita visibilidade para os que não sejam da comunidade.

Foi ainda realizada uma investigação pessoal dentro do espaço do núcleo e da própria instituição museológica, através de um processo de trabalho de campo, registado num diário de campo, consegui captar a essência desse pequeno mundo que rodeia essa instituição. Ao visitar o núcleo, à primeira vista pode não ter logo o impacto pretendido, mas ao passar da entrada para dentro, logo se sente a dimensão das suas funções. O núcleo presta muito serviço a sua comunidade e isso materializa-se pelas suas atividades e programas. No desenvolver deste trabalho de campo percebe-se como essas atividades chegam à comunidade e para que públicos são dirigidas. O núcleo disponibiliza serviços educativos, que desenvolvem programas como “O Museu Oferece”, e desta forma abre caminho para uma partilha de saberes e de aprendizagens. Os vários programas desenvolvidos pelo núcleo, na sua maioria focam-se no público escolar, sendo um pequeno núcleo inserido numa pequena comunidade, a sua interação é de uma forma limitada e através desses pequenos jovens consegue espalhar o seu programa.

Os programas são direcionados para diferentes públicos e de idades diferenciadas, tendo sempre em vista adaptar esses programas as necessidades que cada grupo precisa. E desta forma, o processo foi perceber quais são esses programas e como funcionam e para que grupo etário se direcionam, através da análise dos programas disponibilizados pelo Núcleo Museológico de Alverca e depois de perceber de que forma essas atividades se relacionam com os valores do núcleo. O caminho para construir esse trabalho passou por associar essas informações com o que é pretendido. E fazer conhecer essa instituição que apesar de pequeno em tamanho, desempenha um grande papel em torno da sua comunidade.

Foi ainda executada uma entrevista com a coordenadora do núcleo, Anabela Silva Ferreira. A entrevista foi feita via *e-mail* entre 3 e 23 de março de 2022, aplicando um guião de entrevista semi-estruturado (Anexo A). Esta entrevista, pelas informações que permitiu recolher e pelo



detalhe das mesmas, complementou o trabalho de investigação realizado, contribuindo para alcançar os objetivos pretendidos.



## CAPÍTULO 2. ESTADO DA ARTE – OS MUSEUS E A COMUNIDADE

“To control a museum means precisely to control the representation of community and its highest values and truths. It is also the power to define the relative standing of individuals within that community. Those who are best prepared to perform its ritual – those who are most able to respond to its various cues – are also those whose identities (social, sexual, racial, etc.)” (Duncan, 1995: 8)

Ao longo dos anos o conceito de património cultural foi tendo várias definições tornando, deste modo, difícil estabelecer num ÚNICO contexto. O que anteriormente definia apenas monumentos e sítios agora se pode definir doutra maneira. Essa mudança vem trazer uma nova missão de que o nome património é mais do que simples objeto institucional, instituindo um significado mais antropológico, e não apenas uma visão material.

Os novos conceitos do património assumem uma ligação mais central dos bens culturais com as comunidades. O PCI (Património Cultural Imaterial)<sup>1</sup>, permitiu uma perceção mais generalizada deste momento, que enfatiza o envolvimento dos grupos que transmitem as várias manifestações culturais de geração em geração. E que deste modo, vão reconstruindo as memórias unindo assim o passado ao presente tendo em vista o futuro. E assim, podemos dizer que o PCI é como um eixo que une o fator identitário das comunidades. Na perspetiva museológica, a salvaguarda dos bens culturais imateriais, permitem uma relação com a comunidade que foi a criadora e é herdeira dessas manifestações e aposta-se em medidas tendentes à “identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspectos desse património” (UNESCO, 2003, art. 2 e 3). O desafio será considerar que a salvaguarda não deve ficar só nas mãos dos especialistas, mas sim também com as próprias comunidades, devendo os especialistas criar medidas e atividades que vão em conta desta salvaguarda (Carvalho, 2011; Watson, 2007).

---

<sup>1</sup> A Convenção do Património Imaterial (UNESCO, 2003) define da seguinte forma o PCI: “(...) as práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objetivos, artefatos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana”.

## **2.1. A evolução da relação entre os Museus e as Comunidades**

O conceito de comunidade, estabelece um conjunto de inter-relações que unem um grupo de pessoas através de uma cultura. Essa relação, vai se transparecer também na forma como se comunicam com as instituições culturais e como esses interagem com essa comunidade.

Uma comunidade é representada através da sua etnia, das suas práticas religiosas, da sua construção profissional e académico, do género e da idade, entre outros fatores. Essa diversidade é tomada em conta pelos museus, na forma como constroem os seus programas para que possam chegar a essa diversidade cultural. Do ponto de vista museológico, as comunidades caracterizam-se por:

“Communities defined by shared historical or cultural experiences, Communities defined by their specialist knowledge, Communities defined by demographic/socio-economic factors, Communities defined by identities (national, regional, local or relating to sexuality, disability, age and gender), Communities defined by their visiting practices, Communities defined by their exclusion from other communities” (Mason e Watson, 2007: 4).

A relação dos museus com as comunidades tem vindo a conhecer evoluções decorrentes dos próprios desenvolvimentos conceptuais sobre a sua missão. A cooperação com as comunidades tem sido um tema debatido, procurando chegar às suas necessidades. A inclusão das comunidades na programação museológica é um objetivo que nem sempre se concretiza. É preciso realçar que, uma instituição museológica pode estar rodeada de uma diversidade de comunidades, e que estas podem influenciar as opções dos próprios museus.

Para a designação de comunidade, alguns especialistas utilizam a palavra “público”. Um público que é representado pela sua comunidade. Tanto a comunidade e o público, fazem parte de um só contexto no mundo dos museus. Eles se complementam em vários fatores, contribuindo para a construção da existência das instituições culturais. No ponto de vista da Jennifer Barrett, a palavra “publico” é a mais comum de ser utilizada pelos museus, como forma de identificar essa comunidade: “People who work in museums and who manage them use the term “loosely” and often in ways that are “tendentious, even opportunistic” (Barrett, 2011: 1).

O papel dos museus também contempla a sua abertura ao público. Ou seja, são instituições que prestam serviço ao público, são espaços informativos, educacionais e de transformação social.

Esse público estabelece constantemente uma relação com o museu, o que se traduz numa linha de comunicação única, de troca de ideias. Essa ligação fortalece a inter-relação.

De um determinado ponto de vista, as comunidades são o melhor público que os museus podem desejar. Na medida em que, conseguem transformar esse público num público mais democrático. Ou seja, num público capaz de dar voz às suas necessidades e participar das decisões culturais.

A relação entre o museu e a comunidade traduz-se numa relação de envolvimento, que muitos especialistas consideram ser algo positivo, representativo de processos de evolução, tendentes a uma democratização de pensamento. Clifford (1997) sustenta que o papel do museu é enaltecido através da relação intercultural que estabelece com o seu público, na forma como compartilha elementos de cultura, tanto dentro como fora dos espaços culturais. Através da produção de conteúdos, na criação de empregos (empregando algumas pessoas da comunidade), na participação dos públicos, esse envolvimento concretiza-se.

Os museus possuem ainda a capacidade de absorver a história por detrás das culturas e moldar identidades. E com isso, a capacidade de influenciar a forma como as pessoas se relacionam e se expressam entre si, mas também o inverso, trazendo para dentro da instituição museológica, os reflexos das comunidades que servem. Uma vez que estas comunidades não são homogêneas, mas multiculturais e com uma grande característica de mudança e renovação, tal pode verter na atuação da instituição museológica. O processo de participação das pessoas que integram as comunidades, será assim diferente.

A relação estabelecida entre a comunidade e o museu traduz-se na preservação da memória e do património cultural: “Museums play a central role in the re-creation and reproduction of history, memory, and culture, in the search for identity and understanding of the other, which is taking place as a result of accelerated change” (Bosch e Watson, 2007: 507).

O reconhecimento da alteração do papel dos museus na sociedade veio acompanhado de novas definições que permitem a adequação da missão do museu. Com a Declaração de Santiago (UNESCO/ICOM), em 1972, o conceito de museu passa a ser descrito como uma “instituição ao serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que serve”. Nota-se com este novo conceito, que o museu passou de ser uma instituição objetivada, para uma instituição mais humanizada e com uma consciência de mais comunidade e social.

As definições foram acompanhadas por alterações nos métodos de fazer museologia. Na segunda metade do século XX, adota-se uma visão mais comunicativa do museu em relação a sua comunidade, em que os museus são convidados a prestar um serviço ao público. E esse comportamento torna-se visível, na forma como procedem no envolvimento da comunidade no processo.

Na raiz desta mudança está a compreensão de que o momento histórico mudava e que uma lógica de “culto” do objeto, ou mesmo de relação exclusiva com determinados setores da sociedade não era favorável a um desenvolvimento cultural integrado, mesmo que os museus se envolvessem nas problemáticas político-sociais dos grupos a quem estavam associados. Não podemos dizer que existia uma ligação estabelecida com o público, essa era quase inexistente. O museu mantinha uma distância para com o seu público, não prestava atenção as necessidades dos mesmos, nem que tipo de público eram. É esta relação que, na segunda metade do século XX, vai conhecer importantes mudanças.

As identidades das comunidades, afetadas pelos conflitos mundiais, a preocupação alargada e generalizada com a preservação e a salvaguarda do património, enquanto fator de memória e identidade coletiva, passaram a ter eco na instituição museológica. Entre os anos 1948 e 1965, o ICOM (International Council of Museums), realizou-se um total de sete conferências. Cada conferências mostrava, cada vez mais, o empenho da organização e a estruturação dos seus programas. Nas últimas conferências, a organização realçou alguns pontos essenciais na estruturação das instituições museológicas. Era importante estabelecer para os museus um papel mais educativo, explorar mais a área das exposições por parte das instituições, ter mais acessibilidade na circulação de bens culturais internacionais e não esquecer que essas obras precisam de ser restauradas e de serem conservadas.

O movimento da Nova Museologia<sup>2</sup>, veio retirar os objetos do contexto materialista em que se encontravam, que passaram a enquadrar-se também enquanto contadores de histórias e de instrumentos de comunicação entre o passado e o presente. Essa mudança, não só modificou a forma como os objetos passaram a pertencer a várias categorias da cultura, mas também, fez com que os museus acompanhassem a evolução dos tempos, passando a categorias mais especializadas. Fazem parte destas categorias museus históricos, de arte, científicos, técnicos entre outros. São principalmente com espaços mistos, fechados ou abertos. A esses museus juntam-se também os parques, os jardins botânicos, os aquários e os zoológicos. Esses espaços, foram feitos para que o público desfrutasse deles (e foi através do ICOM) que foi oficializado esse processo. E foi assim, que as comunidades passaram a ter mais participação em torno dos museus.

---

<sup>2</sup> No seguimento dos processos da Nova Museologia, surge em 1985, o Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), com o objetivo de promoção de cooperação entre o público e as instituições, incentivar a partilha cultural, tanto a nível nacional como internacional.

O novo modelo de instituição museológica, permitiu criar novas formas de interação entre as instituições e as comunidades. O formato de espaços abertos, foi construído para satisfazer o público e criar experiências únicas. É um processo que cria uma boa oportunidade de atrair público e aproximar-se da comunidade. Essa nova fase, permitiu o desenvolver projetos que envolvam a comunidade. E esse processo é feito tendo em vista a sua participação. Desta forma, o museu procura estabelecer programas que possam associar-se a cada público. Esse processo, vem na sequência de um levantamento social, para saber com que público devem trabalhar. A mentalidade dos museus nesse caso, é de alterar a sua imagem, para uma imagem que se aproxima da sua sociedade e se preocupa com as problemáticas do mesmo. Tal como refere Anico (2008), “o relacionamento dos Museus com a sociedade é complexo, multidimensional e está em constante transformação, submetido à influência e aos desafios de um contexto político, social e económico em mudança”.

O Museu surge como adaptador do comportamento social, ou seja, consegue adaptar-se as mudanças do tempo. Desta forma, podemos definir a museologia como um fenómeno que acompanha a sociedade, tentando dessa maneira uma aproximação ao público. Mais em concreto da sua comunidade. O museu que pretende promover o património cultural tanto imaterial como material e para isso necessita da participação de todos os elementos, nesse caso do seu público, que possa proteger e salvaguardar esse mesmo património. Porém, essa relação enfrenta obstáculos ao longo dos tempos, os vários desafios não são controláveis perante os dois polos. A sua atuação é muitas vezes influenciado por elementos políticos, sociais e económico.

A visão conservadora e materialista do museu de tempos passados, já não é vista com esses desenvolvimentos. O museu passou a ser uma instituição humanizada e preocupada com a sua comunidade. Os fatores sociais, económicos e culturais passaram a ter um lugar no seu estudo, tanto quanto o seu público, que desempenha um papel essencial no desenvolvimento desse processo.

## **2.2. A evolução dos museus em Portugal**

O estado português tem como dever o desenvolvimento de legislação de proteção ao património cultural. Especificamente, atua na questão dos museus, para os quais desenvolveu legislação específica, a Lei-Quadro dos Museus (Lei 47/2004 de 19 de agosto).

Em Portugal, as instituições museológicas tiveram impacto no século XIX, apesar de no século XVIII, se terem dado os primeiros processos. É no século XIX que nasce o verdadeiro significado de museu como uma instituição ligada a cultura.

A importância da instituição museológica será reconhecida no decorrer da Monarquia Constitucional (1820-1910), onde a preservação dos bens materiais criou uma onda de preocupação. E nessa sequência vão ser criados os primeiros museus para conservar esses objetos.

No entanto, esse processo para poder atingir o objetivo pretendido necessita de uma reforma dentro das políticas estabelecidas. Será preciso integrar nesse processo, objetivos de salvaguarda, de conservação e de proteção do património nacional. Ao entrarmos na República esses fatores começaram a ganhar reconhecimento. Neste seguimento nasceram muitos museus como o Museu Nacional de Arte Antiga e o Museu Nacional de Arte Contemporânea (Custódio, 2010).

A salvaguarda, conservação e proteção ganharam novos significados, o que permitiu afinar o conceito de património como algo maior que o objeto material, algo que deve ser valorizado pela sua importância perante o país. Assim, o corpo museológico em Portugal, iniciou-se com a República e com a introdução de alguns modelos institucionais, como os Monumentos e Palácios Nacionais. A estrutura museológica foi acompanhando gradualmente todas as mudanças que foram surgindo no país, ao longo da sua história.

No final do período do Estado Novo, sobretudo nas décadas de 70 e depois na década de 80 do século XX, os conceitos da Nova Museologia também entram em Portugal. Este conceito veio aproximar as instituições as suas comunidades, com preocupações no campo das necessidades da salvaguarda do património.

O Programa do III Governo Constitucional (1978), mostra-nos visão mais desenvolvida no sector cultural por parte do estado:

“A definição, a programação e a execução de uma política cultural para a sociedade portuguesa procurarão realizar objetivos de democratização cultural. (...) Incremento da participação cultural dos cidadãos, a todos os níveis, privilegiando as áreas geográficas e as camadas sociais mais desfavorecidas do ponto de vista do acesso aos meios e instrumentos da acção cultural. (...) Promoção (...) de manifestações culturais itinerantes, possibilitando o diálogo das populações com os artistas e criadores representados.” (Gomes e Lourenço, 2009 apud Belchior, 2011: 11).

Com o evoluir da relação portuguesa com as organizações internacionais ligadas à cultura museológica, muitos museus nacionais começaram a se assemelhar as estruturas internacionais. E começaram a incorporar políticas capazes de desenvolver e ajudar ainda mais as instituições.



Com a entrada de Portugal para a CEE (Comunidade Económica Europeia, cuja evolução resulta na atual União Europeia – UE), em 1986, vive-se um novo panorama cultural, onde as manifestações das artes tomam conta do país através de eventos e de novas formas de expressão. As instituições museológicas, tornam-se as atrações turísticas, pois, nesta altura Portugal se encontrava numa fase muito próspera o que contribuiu para o crescimento da sua economia.

Nessa sequência de mudanças e de inovação museológica no país, entra em vigor a Lei Quadro dos Museus Portugueses – Lei n.º 47/2004, de 19 de agosto<sup>3</sup>. Uma lei que consagra os conceitos e qual é o papel dos museus perante a sua atuação.

“Disposições gerais:

Artigo 1.º

Objeto

A presente lei tem como objeto:

- a) Definir princípios da política museológica nacional;
- b) Estabelecer o regime jurídico comum aos museus portugueses;
- c) Promover o rigor técnico e profissional das práticas museológicas;
- d) Instituir mecanismos de regulação e supervisão da programação, criação e transformação de museus;

Princípios da política museológica:

1 — A política museológica nacional obedece aos seguintes princípios:

- a) Princípio do primado da pessoa, através da afirmação dos museus como instituições indispensáveis para o seu desenvolvimento integral e a concretização dos seus direitos fundamentais;
- b) Princípio da promoção da cidadania responsável, através da valorização da pessoa, para a qual os museus constituem instrumentos indispensáveis no domínio da fruição e criação cultural, estimulando o empenhamento de todos os cidadãos na sua salvaguarda, enriquecimento e divulgação;
- c) Princípio de serviço público, através da afirmação dos museus como instituições abertas à sociedade.”

A entidade governamental que tutela os museus em Portugal é a Direção Geral do Património Cultural (DGPC). Esta entidade tem, entre outras atribuições, a responsabilidade

---

<sup>3</sup> “A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea c) do artigo 161º da Constituição, para que passe a vigorar como lei geral da República” (Diário da República, I Série -A, n.º 195, 19 de agosto de 2004 – Aprova a Lei-Quadro dos Museus Portugueses).

pelo processo de credenciação dos museus na Rede Portuguesa de Museus (RPM). O acesso à credenciação requer muitos aspectos, que nem todos os museus possuem, e que por vezes acaba por não dar oportunidade a esses museus por falta de recursos dos mesmos. É necessário que os museus possuam certas características de qualidade para integrarem a RPM. Essa qualidade reflete-se nas linhas da organização do próprio museu, englobando todas as características assentes na sua missão, visão e gestão. Um museu não pode conter programas medíocres e mal organizados sem qualquer exposição informativa e sem que esses programas estejam de alguma forma ligada à sua comunidade ou sociedade.

Em 2010, a RPM comemorava 10 anos de existência. Nessa altura são integrados na RPM novos museus, de acordo com a Lei Quadro; os que tinham entrado em 2001 e 2004 foram excluídos dessa seleção, passando a fazer parte da RPM cento e trinta um museu (131). O balanço feito nesses 10 anos de ação indicava uma prevalência de Museus de Arte, e uma localização assimétrica no território, com mais museus na região de Lisboa do que em outras regiões. A localização indicava que muitos museus se localizavam em edifícios próprios, normalmente cercados de espaços verdes ao ar livre.

Nos dez anos da criação da RPM (2010) verificou-se muitas mudanças e inovações. O sector cultural do país desenvolveu-se em todas as suas áreas definiram-se estratégias, atraíram mais público, aumentaram a sua rede de influência, formaram-se parcerias com outras instituições, criaram medidas capazes de chegar as comunidades, entre outros desenvolvimentos. Ao longo de uma década, a RPM, teve uma grande importância no desenvolvimento do sector museológico em Portugal principalmente por estabelecer uma relação de cooperação mútua, impulsionando inovações através de investigações, garantindo apoio financeiro para os projetos em plano e incentivando ao profissionalismo dos museus e das boas práticas (Neves, Santos e Lima, 2013: 18).

Em termos de gestão verifica-se que a boa organização se encontra mais nos museus modernos que têm um maior cuidado e recursos para estabelecer uma organização mais coesa com todos os parâmetros exigidos pela museologia. É essencial que têm uma boa gestão interna principalmente no que toca o estabelecimento dos programas. Sendo que para melhores resultados é fundamental que o diálogo entre o pessoal que gere os museus seja o mais transparente, para que esses resultados sejam obtidos sem qualquer obstáculo. A divisão de tarefas é uma mais valia, para estabelecer um sistema mais organizacional que permita que os objetivos estabelecidos sejam levados a cabo.

Nota-se que nos últimos anos que o sector cultural tem vindo a crescer, principalmente o sector museológico. Esse crescimento deve-se principalmente ao desenvolvimento das novas

práticas culturais no país. Podemos destacar o aumento do turismo o que veio incentivar as visitas aos museus, a relação de proximidade entre o público e o património cultural e a inter-relação entre o sistema educativo e as instituições culturais.

### **2.3. A gestão de um Museu de proximidade**

“Artigo 3º. O Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos” (Lei Quadro dos Museus Portugueses).

Ao falarmos dos museus não podemos esquecer de um todo envolvente de especialistas que compõem o corpo desta instituição e que fazem funcionar deste a parte financeira, a parte técnica, a parte administrativa, a parte da conservação, a parte da exposição entre outros departamentos ligados a esse mundo museológico. A esse processo chamamos de gestão.

À medida em que vão expandindo os programas e as atividades nos museus, é essencial que a gestão acompanhe a sua evolução. Mas, em certos casos, muitas instituições ainda sentem dificuldade nesse processo, que muitas vezes tem a ver com falta de recursos.

Uma boa organização passa por criar redes de serviços capazes de contribuir para uma partilha dos recursos. As instituições, precisam de parceiros que possam cooperar através de apoios mútuos e desta forma permitir ter recursos suficientes para apoiar as atividades.

Dessas instituições, poucas têm autonomia própria, sendo que os que estão a tutela de administração pública e têm de seguir as políticas desta administração, o que por vezes é um entrave à sua própria gestão.

À medida que o interesse pelas instituições culturais aumenta, é necessário adaptar a gestão dos recursos face à procura. E para tal, é preciso adotar processos de sustentabilidade tanto nos recursos materiais como humanos.

Num museu podemos destacar quatro funções essenciais:

A função de exposição - Uma exposição serve principalmente para mostrar ao público a essência do que está a ser apresentado como forma de educar.

A função de conservação - A conservação surge como medida de proteção do património, permitindo a sua salvaguarda para efeitos de visita e estudo.

A função de investigação - A investigação científica é essencial na medida em que permite evoluir e inovar nas ações e programas museológicos. Esse processo pode ser feito interna ou exteriormente por profissionais da área e é função dos museus investir nesses processos.

A função de animação - Com a animação as instituições incorporam o seu conhecimento entre a comunidade local e o seu público, de forma a criar ligações. A animação pode ser representada em diversas formas tais como exposições, eventos, visitas as próprias instituições, conferências ou até mesmo seminários ou programas que possam dar essa comunicação. A animação permite também atrair outros tipos de visitantes, alargando essa base.

Além das quatro funções também podemos definir outras características<sup>4</sup> que os museus devem ter e que são esperados pelo seu público:

O museu como lugar de lazer e prazer - A forma como o público espera que uma instituição cultural se apresente como um lugar que possa trazer prazer aos seus visitantes na forma de transmitir uma mensagem não num modo sério, mas que leve o seu público a viajar na aprendizagem das suas exposições de forma divertida mas que tenha como objetivo educacional e atrativo.

O museu como lugar de descoberta - Do público espera-se uma viagem cheia de descobertas através das exposições e dos programas das instituições. É deste modo que o museu deve aproveitar para criar um “mar” de curiosidade entre os que visitam, fazendo com que possam voltar sempre para presenciar essa sensação.

O museu como lugar de memória - As visitas os encontros nos museus constroem um caminho de memórias. Sendo que muitos desses museus evocam o sentimento do passado que se conjuga no presente e desta forma é uma viagem no tempo recriando memórias e adquirindo memórias.

O museu como atividade turística - Muitos museus são atraídos por turistas o que não só contribui para criar uma sustentabilidade económica no país, mas também para fortalecer o interesse na cultura do próprio país. O turismo é um dos pontos essenciais na forma como as instituições lidam com a sua atuação enquanto geradora de comunicação através das suas obras.

O museu “ritual” - Além de educador também surge como culto religiosa, tanto porque muitos desses museus representam práticas religiosas. São principalmente os museus ligadas as artes que apresentam esta tipologia de característica religiosa.

---

<sup>4</sup> Estas características são apresentadas por André Gob e Noémie Drouguet na sua obra *La muséologie, Histoire, développements, enjeux actuels* (Gob e Drouguet, 2006: 63-65).

Neste mesmo seguimento podemos destacar algumas categorias principais de visitantes desses museus:

Público em geral – é característica de grupo diverso de visitantes (sejam nacionais, estrangeiros, de gênero masculino ou feminino, de várias idades e feitios)

Público escolar – Representa crianças e adolescentes pertencentes ao ciclo educacional das escolas desde ciclo ao secundário.

Público especializado – Um público mais concreto em especializações próprias ligadas as instituições culturais como investigadores, estudantes de cursos culturais, entre outros. Esses públicos caracterizam-se por visitarem essas instituições em forma de grupos, individualmente etc.

Uma boa gestão significa criar oportunidades não só para atrair o público que visita mais também para criar postos de trabalho sendo que um museu é fonte de muitos benefícios tanto para gerar rendimentos econômicos o que influencia por completo a sua comunidade.

Para acompanhar esse processo é preciso assegurar uma boa administração que seja capaz de desenvolver uma boa gestão dos programas tendo como apoio tanto entidades públicas ou privadas que possam contribuir com recursos financeiros e deste modo ajudar a salvaguardar o desenvolvimento das suas atividades.

Os próprios museus têm de ter a capacidade de gerar por si também receitas e isso só poderá ser possível se investirem nas suas atividades ou programas como exposições, eventos entre outras medidas. As instituições nesse caso têm de zelar pelo interesse do seu público e para tal é necessário que esse processo seja levado em conta desses interesses. Pois, uma instituição não sobrevive sem o seu público.

Apesar de que essas instituições necessitam gerar receitas para sobreviver e nesse caso muitas delas focam-se ainda mais em criar receitas e lucrar do que propriamente em desenvolver atividades que vão em conta as necessidades da sua comunidade ou sociedade. As instituições transformaram-se em máquinas de fazer dinheiro: “o aumento do paradigma da administração pública e a influência do conceito de negócio tem mudado os requisitos da gestão dos museus” (Gstraunthaler e Piber, 2007: 361).

As instituições devem ser capazes de “gerar receita, sejam uma atração turística, um local de encontro da comunidade, um agente de regeneração física, económica, cultural e social, um exemplar de uma prestação de serviço com qualidade e uma boa relação qualidade preço”, entre outros (Black, 2005: 4).

Num período de mudanças é preciso que os museus definam as suas estratégias perante a gestão da sua instituição e que possam desenvolver medidas para atingir os seus objetivos. Essa

estratégia deve passar por criar recursos tanto financeiros como humanos para aumentar as suas receitas. E nesse seguimento devem envolver nesse processo o seu público, pois, são esses os que vão contribuir para atingir esses objetivos.

#### **2.4. A comunicação num museu de proximidade**

“les collections conservées dans le musée fournissent la matière première à la recherche et servent de support à la communication ; La recherche travaille sur les collections, elle leur donne du sens et alimente les discours à communiquer à leur sujet ; La communication permet de vulgariser les recherches et de faire connaître les collections à un large public” (McDonald e Fyfe, 1996:180).

Ao mesmo tempo que cresce o interesse pelas instituições culturais, também se verificam alterações em termo de comunicação entre as próprias instituições e com o seu público. Esse interesse veio trazer uma maior aproximação entre as pessoas que visitam, na medida em que o papel dos museus perante a sua sociedade tornou-se ainda mais importante, e a forma de se comunicar ganhou novos contornos e novos caminhos.

A forma como os museus comunicam com o seu público é muito importante. Essa função vai para além das suas instalações é preciso criar uma linha de comunicação e de divulgação perante o seu público e desta forma apresentar esses mesmo públicos os seus programas em diversos meios de comunicação (site, blogs, anúncio, redes sociais etc.).

Podemos dizer que a comunicação exerce um papel essencial na relação entre a instituição e o seu público. Essa relação pode ser comparada com a mesma destreza com que as instituições se relacionam com outros aspectos do seu meio como a investigação, a conservação ou mesmo a exposição. São todos os fatores que contribuem para o sucesso de uma instituição.

O museu em si precisa de um público, não existe instituição sem o seu público, sem a sua comunidade e sem a sua sociedade. Todos os seus fazeres se complementam com as necessidades do seu meio envolvente. Os museus adaptam as suas estratégias consoantes a sua localidade e consoante a mensagem que pretendem transmitir enquanto instituição cultural. Desta estratégia a comunicação é uma das chaves para cativar o seu público, sendo que muitas vezes os que visitam vão mais pela simples razão de terem sido influenciados pela propaganda desses museus, pelos seus programas ou pelas suas atividades.

O museu funciona como um mundo de conhecimentos, de saber e de educador perante o seu público. E essa relação se estabelece através de uma comunicação mútua entre os dois o que facilita a sua interação.

Podemos relacionar esse processo como sendo de uma Narrativa Transmedia, ou seja, como sendo uma transmissão de informação por vários meios podendo viajar por várias plataformas de maneira a chegar a mais pessoas e de forma a cativar essas mesmas pessoas aderir ao processo. A comunicação com o público por várias plataformas faz com que a o conteúdo chegue mais depressa o que contribui para atrair esses públicos as instituições. Expandir para mais plataformas é o meio mais inteligente para que um certo produto seja consumido por muitas pessoas. O importante é atrair mais públicos e desta forma criar neles um desejo de consumir e ao mesmo tempo torná-los em públicos habituais das próprias instituições.





## CAPÍTULO 3. O NÚCLEO MUSEOLÓGICO DE ALVERCA

### 3.1. Resumo da história de Alverca

Muito se imaginou e se efabulou sobre esta freguesia atualmente integrada no concelho de Vila Franca de Xira, o único problema é que não existia documentação que comprovasse a existência do que era falado. A primeira vez que se mencionou algo sobre Alverca, foi na obra Portugal Antigo e Moderno, escrita por Pinho Leal em 1873, onde este menciona que D. Afonso Henriques tinha doado forais ao território em 1160 (Ferreira, 2009).



**Figura 1** Localização de Alverca no mapa de Portugal. Imagem retirada de: <http://terrasdeportugal.wikidot.com/alverca-do-ribatejo>

Não existem evidências que essa informação fosse verdadeira. A única coisa que se sabia, era que a mesma história tinha sido contada por diferentes autores em épocas distintas, sem procurar se era verídica ou não. Sem qualquer informação sobre doação de forais nesse território torna-se difícil determinar quando é que esse foi formado, sendo que os forais são essenciais para determinar quando é que um concelho foi constituído e quando é que começou a fazer parte dos territórios do reino. Neste caso, não existe qualquer documentação que prove a sua existência.

Alverca como muitos outros concelhos da época, teve a mesma realidade de ser constituído sem atribuição de foral. E tinha como principal objetivo servir para demonstrar o poder da chancelaria, neste caso o poder que o rei possui sobre as suas terras.

A única coisa que se sabia é que, nesse lugar, existia uma povoação da Idade Média, que teria sido constituída por uma pequena comunidade, com um concelho já instituído, para que pudessem viver consoante as leis locais, com uma administração que era gerida em termos da justiça local.

Para conhecermos Alverca é preciso recuar no tempo, destacando a sua origem a partir da sua formação. No chamado terraço quaternário de Alverca, foram descobertas evidências da existência humana na região.

Através da descoberta de artefatos, se consegue fazer uma recolha de informações que provêm de várias investigações. Desta forma, verifica-se a existência de uma comunidade, assente nas práticas da recollecção, caça e pesca.

Através da descoberta de artefatos, se consegue fazer uma recolha de informações que provêm de várias investigações. Desta forma, verifica-se a existência de uma comunidade, assente nas práticas da recollecção, caça e pesca. Durante o período Neolítico, estas comunidades adotaram modelos de vivência assentes na agricultura e a pastorícia. Essas comunidades estariam situadas ao longo dos vales junto ao Tejo e Vialonga.

A palavra Alverca deriva de uma palavra de origem árabe “Albirca” ou “Alborca” que representa o conceito de uma localidade rica em água. Essa definição nasceu na idade medieval.

Nessa altura Alverca tinha estatuto de vila e de condado e era povoada por quintas, propriedades e habitações que rodeavam os limites do território. Passa a pertencer a chancelaria de D. Afonso IV em 1354, tornando-se uma das suas Capelas. Só Com D. Pedro I, é que se confirma Alverca como sendo um concelho

A vila em si beneficiou da sua localização junto ao Tejo, que permitiu a comercialização tanto de pessoas (que vinham de outras comunidades) como de bens.

Da agricultura praticava-se a colheita de cereais como o trigo, o milho ou a cevada. As terras eram ricas em cultivo de frutos como as laranjas, as vinhas e até as oliveiras que tinham um grande centro de importância.

A sua importância servia principalmente para iluminar a cidade de Lisboa. Nesta altura a cidade já beneficiava de padrões de iluminação para as estradas.

Já no reinado de D. Maria I, 1795, Alverca vive um novo momento tendo de abdicar de um juiz local para ser gerido por um juiz nomeado pela coroa.

Ao entrarmos no século XIX, Alverca vai continuar a ter mudanças. Para começar com alteração no seu estatuto, deixando de ser considerada vila. Nesta altura, Alverca possuía cerca de mil seiscentos e quarenta e dois habitantes.

Após a sua extinção em 24 de outubro de 1855, Alverca foi anexada a vila Franca de Xira. Mas isso não lhe fez perder a sua importância, tendo sido um dos territórios pioneiros a receber a construção de linha ferroviária que partia de Santa Apolónia até Carregado (ainda fazia paragens na Xabregas, Olivais, Póvoa, Alverca, Vila Franca de Xira e Castanheira)

Além da linha ferroviária, é criada em 1892, na propriedade da Figueira em Alverca, uma fábrica de têxtil que empregava cerca de setenta e quatro funcionários.

Ao entrarmos no século XX, Alverca continuava a crescer apesar de todas as transformações. Passa de mil seiscentos e quarenta e dois habitantes em 1801, para mil novecentos e setenta e três habitantes em 1900. A comunidade continuava a viver das práticas agrícolas, da picuaria, da produção salina, do gado e da produção do azeite.

Alverca é sem dúvida um concelho que foi beneficiado pela sua terra fértil, que lhe permite produzir diferentes produtos de comercialização. Como mencionado anteriormente, a sua proximidade ao Vale de Tejo dá-lhe vantagem para esse processo. Da vinha provinham os melhores vinhos, do seu pomar destacavam-se as laranjas e era rodeado de pinheiros e oliveiras que traziam a produção abundante de azeite.

Do gado destacavam-se animais como o porco, as vacas, as cabras e as ovelhas (e desta forma até se produzia queijo).

Não era de esperar que os queijos da região fossem conhecidos por todo o território nacional e era produzido em Arcena (onde tinha uma comunidade dedicada só ao cultivo da terra).

Após as cheias ocorridas em novembro de 1967, Alverca ficou sem a sua produção de queijo devido ao desaparecimento das ovelhas, consequência desse ocorrido. A indústria que vinha funcionando desde 1930 e conheceu o seu fim em 1970.

A produção de sal ajudou muito a desenvolver a economia da região. A extração do sal tinha lugar em dois lugares (na marinha da Quintela e na marinha das Drogas). A sua recolha acontecia na época de calor, ou seja, no verão.

A produção salina além de ser de boa qualidade, era também um bem essencial para todo o território nacional (um fator importante para alimentação).

À medida que a população crescia era importante criar postos de trabalho, e em 1918 através da construção do Parque de Material Aeronáutico foi possível arranjar postos de trabalho para a população e para atrair mais pessoas.

Começou por ter cerca de cento e cinquenta trabalhadores em 1918, o que iria aumentar com tanta procura para mais de trezentos e sessenta e seis trabalhadores, em 1930. Os números de trabalhadores foi crescendo e crescendo e em 1958 atinge o total de mil e vinte e cinco trabalhadores. Essa transformação iria se prolongar ainda mais com a 2º Guerra Mundial, onde as indústrias tomam conta e isso provoca um acelerar da demografia na região.

Com essas transformações é normal que a população também acompanhe a evolução. Observa-se um aumento da população em “1930 para 3346 habitantes, dando-se o grande aumento da população na segunda metade deste século. De 4665 habitantes em 1950, para 15000 habitantes nos anos 70. A partir deste momento a população foi sempre crescendo, tendo chegado ao ano 2000 com cerca de 32000 habitantes”<sup>5</sup>.

Com a construção da autoestrada em 28 de maio de 1961, mesmo ao lado de Alverca, a conexão entre a região e o centro do país ficou ainda mais reforçada. Alverca viu beneficiar-se com o seu primeiro posto da Guarda Nacional Republicana, no mesmo o sítio onde teria sido a antiga Casa da Câmara.

Alverca tinha um papel muito importante perante a sua indústria, tendo sido em 1968 uma das freguesias com mais de trinta e três indústrias. Das quais as mais importantes seriam, OGMA e da MAGUE (indústria metalomecânica) construídas em 1957.

Finalmente a 9 de 1990, Alverca recebe estatuto de cidade. Esse feito deve ao seu desenvolvimento enquanto região rica em indústria e com um desenvolvimento urbano que atraía pessoas e que acompanha a sua economia. Na atualidade, Alverca é composta por uma área de 23.918 Km<sup>2</sup>, que é rodeado de uma área de zonas verdes num total de 213.000 m<sup>2</sup> e tem cerca de 2011: 36.525 habitantes<sup>6</sup>.

### **3.2. O núcleo museológico de Alverca**

O Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo (MMNA) é parte integrante do Museu Municipal de Vila Franca de Xira (MMVFX). Localiza-se na antiga Casa da Câmara de Alverca, edifício setecentista que foi objeto de recuperação e foi inaugurado a 17 de maio de 1990, tendo sido remodelado e ampliado em 2007.

O MMNA tem como espaços funcionais uma receção, uma loja, áreas destinadas a exposições, um serviço de oficina educativa, um centro de documentação, espaço de reserva e

---

<sup>5</sup> Informação disponível em <https://www.jf-alvercasobralinho.pt/freguesia/historia>

<sup>6</sup> Informação disponível em <https://www.cm-vfxira.pt/municipio/freguesias/uniao-das-freguesias-de-alverca-do-ribatejo-e-sobralinho>

sala de tratamento de materiais e espólio e ainda um espaço polivalente. As coleções refletem várias áreas: arqueologia, etnografia e fotografia, sendo que estas duas últimas “foram fruto de uma recolha encetada junto da população local que contribuiu deste modo para a preservação da memória local”<sup>7</sup>.

No mundo atual, a sociedade está repleta de organizações e instituições culturais, cada uma com as suas particularidades e diferentes formas de adaptar os diferentes modelos de gestão.

Ora, por gestão entende-se a ordenação das atividades culturais e de trabalho desenvolvidas, de forma a que sejam cumpridas sempre com eficiência e eficácia. Isto porque uma organização ou uma instituição cultural tem inevitavelmente um carácter. Existe sempre a produção de um bem material ou de um serviço, seja de que tipo for. Há um objetivo estipulado que dá razão à existência da organização, seja este material ou com um significado e propósito mais profundo.

Existe ainda um fator de grande importância também que são as pessoas. Uma organização precisa de pessoas/público. Com o objetivo definido, uma organização baseia-se num grupo de indivíduos que partilham dessa mesma perspectiva e efetuam-se esforços para que a mesma seja alcançada.



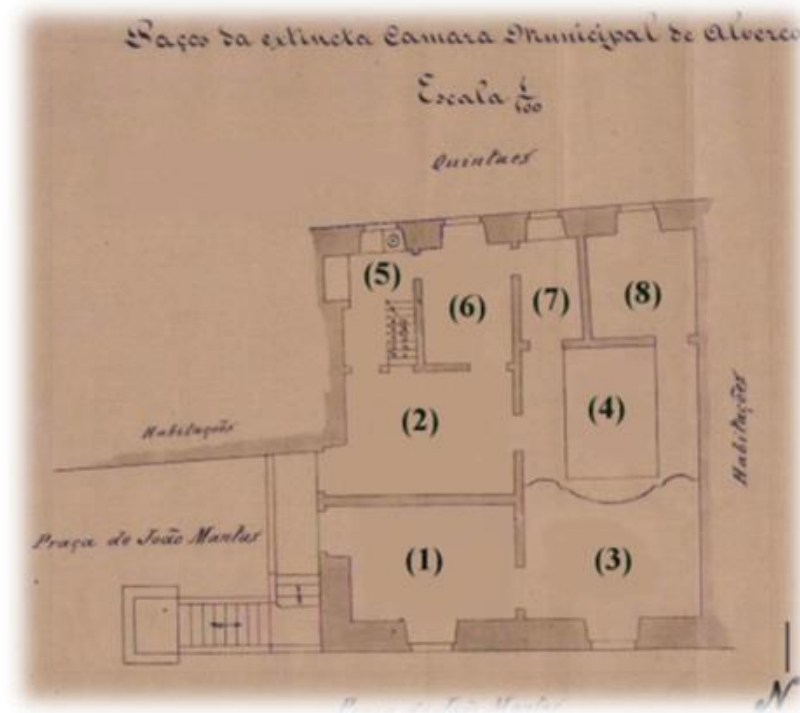
**Figura 2.** Praça João Mantas, Alverca. Finais do século XIX. Fonte:MMVFX-NA

---

<sup>7</sup> Informação disponível em <https://www.museumunicipalvfxira.pt/p/nucleoalverca>.

O caso que irá aqui ser apresentado é um exemplo disto mesmo. O MMNA existe através da união do trabalho e esforço de um grupo de pessoas que partilham de um conjunto de objetivos.

Como podemos ver, com a base na imagem da planta (Figura 3), o edifício da Câmara possui diferentes alas que são repartidas para várias funcionalidades.



**Figura 3.** Planta da Casa da Câmara. Fonte: Ferreira, 2007: 87.

No número (1) estaria representada a casa onde se processam as audiências e teria como função servir de tribunal local. E no (3) estaria representada as salas onde seriam as audiências e dentro desta sala o público estaria de um lado e os representantes da audiência doutro. Representados com os números (7) e (6) estariam os espaços relacionados com o secretariado do concelho e os arquivos da câmara. Na sala dos arquivos poderíamos encontrar todas as informações ligadas a parte administrativa da câmara e era um espaço que poucos tinham acesso. O espaço designado com número (8) seria para secretaria da administração e teria como função assegurar a parte judicial da câmara. E o número (5) possivelmente onde o guarda da cadeia estaria alojado. A entrada para a prisão situava-se na parte inferior da câmara e estaria representada por quatro salas e cada uma delas tinha uma função própria uma para as mulheres, outra para os homens, uma que funcionava apenas para isolamento das pessoas e era toda coberta e sem janelas. E por último a quarta sala seria a recepção da prisão.

Devido à catástrofe que atingiu a grande Lisboa e arredores, o terramoto de 1755, a Casa da Câmara ficou destruída. Mas em 1764 foi reconstruída, por ordem Paulo de Carvalho e Mendonça que era o provedor das capelas de D. Afonso IV, e irmão do conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo.

Aquando da extinção do concelho de Alverca em 1855, a Casa da Câmara deixou de exercer as suas funções. No entanto, continuou a ter um papel importante na comunidade, tendo sido uma escola mista de 1856 a 1900, e passando a ser apenas feminina até 1905.

Nos anos que se seguiram esse espaço foi ganhando outro tipo de funcionalidade. De 1901 a 1958 teve como função servir de um posto de telégrafo, postais e de correio. E ainda serviu como quartel da Guarda Nacional Republicana. Entre 1976 até 1988 funcionou como Junta de Freguesia e no piso inferior teria existido uma biblioteca.



**Figura 4** Entrada do Núcleo Museológico de Alverca. Fonte própria

Em 1989 iniciaram as obras de remodelação e adaptação, do primeiro andar, para o Núcleo Museológico. Sendo que cerca de um ano depois, a 17 de maio de 1990, foi inaugurada a sua primeira exposição. “Do Quotidiano ao Museu – Alverca – Séculos XVII ao XX” que durou quase treze anos e ocupou o primeiro andar todo.

Tendo sido necessário mais espaço e outro tipo de condições, em 2002 o Núcleo foi encerrado para obras de remodelação e ampliação. A parte “nova” para qual estenderam o

espaço do Núcleo, foi em tempos a oficina do ferrador do concelho. A 24 de novembro de 2007 o núcleo reabriu ao público com a exposição de longa duração “Alverca da Terra às Gentes” (Figura 4).

Algo importante para o desenvolvimento de uma instituição cultural, foi a definição da missão e dos objetivos do MMNA.

Por missão entende-se a finalidade da instituição e a delimitação dos seus valores e princípios, no seguimento da sua atividade. É um dos pontos mais fundamentais na caracterização de uma instituição/organização. Por conseguinte, temos os objetivos que são os responsáveis por transformar a missão em reais motivos para a sua realização. Os valores, ainda importantes de definir, constrói-se através das crenças e sentimentos que têm um papel fundamental na estruturação da mesma.

Aplicando esta temática sobre o Núcleo a identificação destes valores não foi, de certo modo, difícil.

Os seus objetivos passam por:

- o Estimular o interesse do público;
- o Captar os públicos para visitas fora das horas habituais;
- o A divulgação da tradição oral;
- o Criar estratégias de acessibilidade para os públicos considerados “fora da margem”, como por exemplo: pessoas com deficiências audiovisuais ou motoras, com autismo, ou mesmo indivíduos pertencentes a etnias que geralmente não estão enquadradas dentro deste tipo de práticas culturais.

Em grande parte, são planos estratégicos, elaborados pela coordenadora do Núcleo, pois estabelecem as suas principais orientações. Para além do mais, são execuções que requerem um grande período de tempo para serem concebidas.

Já a missão desta instituição, segundo a coordenadora “transcreve-se em todas e quaisquer atividades ou práticas que envolvam o fator público”<sup>8</sup>.

Quanto à visão, pretendem em tornar-se num ponto de referência, para onde o público se desloque sabendo que ali irá obter mais conhecimento. Têm como visão promover a diversidade das ofertas e prática culturais.

Este Núcleo consegue sobreviver no meio em que se encontra muito devido ao seu público. Sendo um Núcleo de um Museu Municipal, o seu público-alvo é a sua comunidade e dela depende para atingir os seus objetivos culturais. A sua subsistência vai muito em conta do

---

<sup>8</sup> Excerto da entrevista realizada à coordenadora do NMA.



público que frequenta os eventos e sem esses públicos a sua existência seria posta em causa. E muitas das vezes as instituições são afetadas negativamente e positivamente pelo meio onde se encontram o que torna ainda mais difícil a sua existência.

Os vários aspetos culturais, económicos, políticos, tecnológicos entre outros são por vezes grandes entraves às várias instituições no sentido em que muitos desses aspetos condicionam a realização de certos eventos ou mesmo de poder atrair público. No caso deste Núcleo a realização dos eventos depende bastante do número do seu público e das verbas que são fornecidas pela câmara para a realização dos eventos, que por vezes é difícil de se fazer. Tendo tão poucos recursos para a realização de eventos, este Núcleo tem como objetivo principal e central concentrar toda a sua capacidade na dinamização de atividades que sejam claras, chamativas e informativas para o seu público. Portanto, se o objetivo é captar público, então tudo tem de ser feito para tal.

Em termos de programa, o núcleo faz parceria com o serviço educativo do Museu Municipal, onde participa no desenvolvimento do programa “O Museu Oferece”. Esse programa foi incrementado primeiramente pelo Museu Municipal de Vila Franca de Xira, que é a principal instituição museológica da região. E deste modo, com a sua ajuda, consegue contribuir para que esse tipo de projeto seja implementado pelo núcleo. E esse serviço educacional tem vindo a ser concebido deste 1990.

Esse programa não só se preocupa em incluir uma diversidade de público, como presta atenção a cada projeto desenvolvido, para que possa adequar-se a cada público. Nesse caso, podemos dizer que é um programa que humaniza todos os públicos e se preocupa em prestar serviço aos mesmos.

Em termos das políticas de funcionamento, esse é feito através de marcações<sup>9</sup> que devem ser realizadas com antecedência (uma semana) pelo menos. Essa marcação vai depender da disponibilidade do núcleo e se forem programadas para grupos, esses só devem ter vinte pessoas.

### **3.2.1. Orgânica do Núcleo Museológico da Alverca**

O MMNA está integrado no Museu Municipal de Vila Franca de Xira e, como tal, ligado com a estratégia desta instituição, que se constitui como “um espaço de memórias” trabalhando para

---

<sup>9</sup> Contacto: Museu Municipal - Núcleo de Alverca. Praça João Mantas 2615 Alverca. Telefone: 219570305. Website: [museumunicipal.nucleoalverca@cm-vfxira.pt](mailto:museumunicipal.nucleoalverca@cm-vfxira.pt).

“testemunhar as comunidades do território concelhio de ontem e de hoje nas suas diferentes realidades - sociais, económicas, geográficas, demográficas, etnográficas e culturais”<sup>10</sup> .

O Museu Municipal de Vila Franca de Xira foi criado em 1951 e tem vindo a concretizar o seu ideal de território através de uma rede de polos e núcleos museológicos<sup>11</sup>, localizados em diferentes locais do concelho e que retratam as várias realidades deste território. O seu trabalho é essencialmente orientado para as comunidades locais, o que justifica também a opção pela construção de uma rede. Este Museu, é um serviço dependente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, está inserido no Departamento de Cultura, Turismo e Actividades Económicas (DCTAE) da autarquia e rege-se por um regulamento<sup>12</sup>, em vigor desde 2007, através do qual se definem as normas de funcionamento.

Tal como no museu sede, o Núcleo de Alverca, rege-se pelo mesmo instrumento, sendo a sua vocação “o estudo da história e património do município de Vila Franca de Xira e a sua divulgação aos diferentes tipos de públicos”<sup>13</sup>.

Tem como objetivos programáticos a recolha, a conservação, o inventário e documentação, a investigação e a divulgação da história e património do território concelhio para as populações que nele habitam.

No momento atual, o núcleo encontra-se a funcionar com sete funcionários, dos quais seis são do sexo feminino e um do sexo masculino. A média de idades dos funcionários é de 50 anos, sendo que apenas uma funcionária se encontra na faixa etária dos trinta. Todos os funcionários são residentes na região). Em termos de funções, a estrutura orgânica do MMNA é a seguinte:

Duas técnicas superiores, em que uma desempenha a função de coordenador – sendo um polo, o MMNA não tem um Diretor, sendo este o Diretor do MMVFX – e a outra técnica superior com responsabilidade sobre o inventario, os processos de doação e as publicações;

---

<sup>10</sup> Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Informação disponível em <https://www.museumunicipalvfxira.pt/o-museu/historia>

<sup>11</sup> Estes núcleos são: Núcleo Museológico do barco varino “Liberdade” (Vila Franca de Xira); Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo (Alverca); Núcleo Museológico do Mártir Santo (Vila Franca de Xira); Centro de Interpretação do Forte da Casa (Forte da Casa); Núcleo Museológico a Póvoa e o Rio (Póvoa de Santa Iria); Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira-Cachoeiras; Casa-Museu Mário Coelho (Vila Franca de Xira); Museu de Alhandra Casa-Museu Dr. Sousa Martins (Alhandra).

<sup>12</sup> Regulamento Interno do Museu Municipal de Vila Franca de Xira (DR, 2ª série, n.º 15, 22 de janeiro de 2007).

<sup>13</sup> Regulamento Interno do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, art.º 4.º

Dois auxiliares técnicos, que têm como função a receção, vigilância geral do espaço museológico, e que para além disso, também ajudam a cumprir outras tarefas relacionados com os programas culturais;

Uma auxiliar técnica, responsável pela programação das atividades direcionadas para o público sénior. Para além da programação, também tem como outra função realizar visitas guiadas ao núcleo e a outros lugares relacionados com o património da região; Uma auxiliar técnica, responsável pela parte administrativa e pela programação dirigida ao público em geral;

Um assistente operacional, com função de divulgar as ações relacionados com o serviço educativo (nas escolas e o agendamento das atividades).

### **3.2.2. Programação do Núcleo Museológico de Alverca**

Vemos agora ao detalhe, cada programa, em termos do que oferecem e para que públicos se direcionam. As atividades realizadas pelo núcleo, contam com a participação de todo o concelho e escolas vindas de freguesia de Alverca, de Alhandra, Póvoa de Santa Iria e Forte da Casa. Essas atividades na sua maioria são feitas nas próprias escolas. Para além das atividades que envolvem as escolas, o núcleo também proporciona programas dedicadas apenas para o público sénior.

Os dados que vão ser apresentados em cada uma das atividades foram recolhidas na documentação disponibilizada pelo próprio núcleo e são referentes ao ano 2019. E vai dar para perceber, quais as atividades que são mais dinâmicas para as escolas. Sendo que, nem todas as atividades têm a mesma participação. Apresenta-se em anexo uma síntese dos visitantes por cada área de programação no MMNA, no ano de 2019 (Anexo D).

#### **Visitas guiadas:**

O programa de visitas guiadas do MMNA consiste em visitas guiadas às exposições que estão patentes no Museu e também às realizadas no Centro Histórico de Alverca, bem como a bens de interesse patrimonial e histórico no local. Em 2019, este contou com 325 participantes, sendo que a maioria dos mesmos referiu-se a visitantes gerais. A execução quantos ao públicos escolares, residiu nos alunos do 1.º Ciclo.

Exposição “Quotidianos do Feminino: 1900 aos anos de mudança” (Figura 5)

É uma exposição que se destina a realçar as memórias do passado, na medida em que se trata de conhecer as tarefas diárias (a lavagem da roupa e os seus cuidados) das mulheres nessa época. Essa exposição, vai permitir viajar no tempo e deixar os visitantes fazer parte dessas memórias. Para todo o tipo de públicos.



**Figura 5.** Imagem da exposição. Fonte: MMVFX, s.d.: 3.

Exposição “Brincadeiras de Criança” (Figura 6)

Um programa direcionada para a nossa infância. O recordar das brincadeiras populares de tempos antigos, recriadas no presente, trazendo esse sentimento que ficou perdido no tempo. Feito para qualquer idade (todas as idades).



**Figura 6.** Imagem do espaço expositivo. Fonte: MMVFX, s.d.: 3.

Conhecer a Antiga Casa da Câmara de Alverca (Figura 7)

Programa que se destina a levar os visitantes a explorar o espaço onde esteve construída a antiga Casa da Câmara. É uma atividade que funciona, numa ótica de conhecer a história por detrás da sua construção. Feito para todos os que quiserem participar.



**Figura 7.** Imagem da atividade a decorrer. Fonte: MMNA, s.d.:3

Visita Guiadas ao Núcleo Histórico de Alverca

O MMNA também disponibiliza visitas guiadas ao núcleo histórico de Alverca do Ribatejo, para todos os que quiserem se instruir sobre a sua história, entre a Idade Média e a Idade Moderna. E é um programa para todos os públicos.

### Quotidianos do Feminino: A minha trouxa de roupa (Figura 8)

Destinado ao público escolar, onde no final da experiência é dada a cada criança um tecido onde se recria uma figura (miniatura) e que enfeita, pintando o tecido que lhes foi dado.



**Figura 8.** Imagem da comunicação da exposição. Fonte: MMNA, s.d.: 4.

### Palavras novas na Canção Aldeia da Roupa Branca

Também destinada ao público escolar. Nesse programa a principal atração é a música do filme “Aldeia da Roupa Branca”, onde é entregue a letra da música a cada criança e depois de ouvida a canção, cada criança vai indicar as palavras que não sabe o significado.

### Quotidianos do feminino: Oficina de escrita criativa

Atividade dedicada para públicos escolares, público adulto e público sénior (apenas com cinco elementos cada). A intenção desse programa é levar esses públicos a descrever a sua experiência, mas em forma de escrita

### Quotidianos do feminino: Avós e Netos

Como o nome mesmo indica, é um programa dedicado especialmente para os avós e netos, onde os avós têm de descrever a sua experiência, de forma a expôr essas memórias em forma de texto. E aos netos é dado o papel de ilustrar a história.

## **Oficinas Temáticas**

No caso das Oficinas Temáticas, estas são pensadas especificamente para os públicos em idade escolar. O MMNA disponibiliza ainda um programa de *Artes no Museu*, que é direcionado essencialmente para os públicos séniores, bem como de natureza geral. Este programa de Artes

no Museu, é um dos programas que mais pessoas mobiliza. No ano de 2019, frequentaram este programa mais de 1400 pessoas, sendo que cerca de 730 eram séniores (Quadro 1). De salientar que nem todas as Oficinas, tal como disponibilizadas no programa do MMNA, foram realizadas no ano de 2019.

A Oficina temática que mais participantes teve foi a Oficina “História de um cacho de uvas”, essencialmente com alunos do 1º Ciclo de Escolaridade.

Atividade		N.º de participantes	Pré-escolar	1º Ciclo	2º/3º Ciclo	ATL	Secundário	Sénior	Geral
Artes no Museu		1442				58		735	649
Oficinas Temáticas	Azulejo	110	93			17			
Oficinas Temáticas	Oficina castelo	62				35		27	
Oficinas Temáticas	História de um cacho de uvas	286		266		20			
Oficinas Temáticas	Taça neolítico	5				5			
Oficinas Temáticas	outros	152		152					
		2057	93	418	0	135	0	762	649

Quadro 1. Divisão etária por programação no MMNA.

Vamos fazer uma taça de barro como no Tempo do Homem do Neolítico (Figura 9)

Destinada a públicos escolares do 1º e 2º Ciclo, em que a atividade passa por fazer artes manuais. Nesse caso, seria usar o barro para criar uma taça. Essa atividade pretende, que as crianças experienciem, o que os seus antepassados do neolítico criaram.



Figura 9. Imagem da oficina temática. Fonte: MMNA, s.d.: 5.

Os Azulejos Neoclássicos da Coleção do Museu Municipal – Núcleo de Alverca (Figura 10)

Um programa que pretende envolver os visitantes numa viagem através dos azulejos. É um programa para todas as idades e para as crianças dá-se a possibilidade de pintar um dos azulejos.



**Figura 10.** Imagem da oficina temática. Fonte: MMNA, s.d.: 5

Vamos Conhecer a Oficina do Ferrador (Figura 11)

Foi recriada uma oficina de ferrador, para criar a sensação de estar a viver a profissão. Programa feito para o público escolar do 1º e 2º Ciclo.



**Figura 11.** Imagem da Oficina do Ferrador. FonteMMNA, s.d.: 5.



### Histórias de um Cacho de Uvas (Figura 12)

É um programa destinado ao público dos 1º e 2º Ciclos, que realça a importância que a vindima representou para a localidade de Alverca no passado. As atividades resumem-se na construção dos cachos e é feita pelos alunos do primeiro e do segundo ano. E aos alunos do terceiro e quarto ano, cabe a construção de um vindimador.



**Figura 12.** Imagem da Oficina. Fonte: MMNA, s.d.: 6.

### Histórias do Azeite (Figura 13)

Uma sessão de *powerpoint* que reconstrói o percurso histórico da produção de azeite na região, destinada aos alunos dos 1º e 2º Ciclos.



**Figura 13.** Imagem da Oficina do Azeite. Fonte: MMNA, s.d.: 6.

### **Em defesa do património**

No caso do programa “Em defesa do património”, em 2019 foi realizado o *Canto dos Pássaros*, que contou com mais de 700 participantes, sendo que a maioria dos mesmos correspondiam a alunos do 1º Ciclo de Escolaridade. Todas as atividades integradas neste tema tiveram lugar nas escolas, com a deslocação do MMNA à respetivas escolas.

#### *O Canto dos Pássaros* (Figura 14)

Um programa histórico que pretende enaltecer o cultivo da terra, na sua transformação rural e dos vários benefícios que vieram com essa prática. A atividade é feita pelo público de Pré-escolar (a partir dos 3 anos) e 1º ciclo e tinham como função reconstruir um pássaro e fazê-lo voar.



**Figura 14.** Imagem da atividade. Fonte: MMNA, s.d.: 7

#### *As Pimenteiras Bastardas do Largo João Mantas* (Figura 15)

Atividade que decorre no largo em frente do Núcleo, que tem como intuito expor a importância da preservação do património. E essa atividade é feita por alunos do 1º e 2º Ciclo e para essa atividade eles trabalham com materiais reciclados



**Figura 15.** Imagem dos materiais. Fonte: MMNA, s.d.: 7.

### **Tradição oral**

No programa “Tradição Oral”, o MMNA disponibiliza um conjunto de atividades dedicadas essencialmente aos públicos em idade escolar. Foi também um dos programas com uma grande adesão das escolas, com especial incidência nas escolas do pré-escolar (jardim de infância), sendo que também foi visitado por escolas do 1º Ciclo, que participaram no oferta relativa à lenda da Fonte do Choupal.

#### *Vamos criar o Cenário da Lenda da Fonte do Choupal* (Figura 16)

É um programa que funciona, especialmente com a participação do público Pré-escolar (a partir dos 3 anos) e ensino especial. E resume-se a recriar a “lenda da Fonte do Choupal” e cada criança vai colando uma peça para completar a história.



**Figura 16.** Imagem alusiva à atividade. Fonte: MMNA, s.d.: 8.

*Vamos criar o Cenário da Lenda de Nossa Senhora de Alcamé* (Figura 17)

Atividade descritiva, que tem como objetivo a interação das crianças e a sua participação para completar a lenda. Destina-se ao público Pré-escolar (a partir dos 3 anos) e ao ensino especial.



**Figura 17.** Imagem alusiva à atividade. Fonte: MMNA, s.d.: 8.

**Encontros com a História e o Património**

É um programa de colóquios sobre vários temas e que tem como objetivo o enaltecer da história e do património da cidade de Alverca e do concelho de Vila Franca de Xira. Funciona com

marcação e pode ter o tempo de duração de 60 minutos, mas que pode variar consoante o que é pretendido (Figura 18). Podem ser realizadas várias instituições de ensino, formal e não formal.

Os temas que podem ser apresentados são:

- Património: O que é? Quem e como se protege? – A partir do 2º Ciclo
- As Vias de Comunicação e o Desenvolvimento de Alverca. - A partir do 1º Ciclo
- Consequências do Terramoto de 1755 no Concelho de Vila Franca de Xira. - A partir do 2º Ciclo
- Invasões Francesas no Concelho de Vila Franca de Xira. - A partir do 2º Ciclo
- Fósseis no Concelho de Vila Franca de Xira. - A partir do 1º Ciclo
- Gastronomia Tradicional - A partir do 1º Ciclo.

No ano de 2019 este programa contou com a participação de mais de 1500 pessoas (Quadro 2), tendo como participantes a comunidade escolar (com execução do pré-escolar), mas também os cidadãos séniores, assim como público em geral. Um dos temas que mais abundantemente foi tratado foi o tema das Invasões Francesas, com algumas deslocações dos técnicos do Museu às escolas.

Atividade		N.º de participantes	Pré-escolar	1º Ciclo	2º/3º Ciclo	Secundário	ATL	Sénior	Geral
Encontros com a História e Património	Terramoto	54				48	6		
	Gastronomia Tradicional	268		253					15
	Invasões Francesas	430			322	56		52	
	Gerais	293			88		6		199
	Fósseis	349			345		4		
	Conhecer a água na Quinta do Sobralinho	130		125			5		
	Património, o que é?	32			26		6		
		1556	0	378	781	104	27	52	214

Quadro 2. Participantes no Programa Encontros com a história e património.



**Figura 18.** Imagem alusiva a um colóquio. Fonte: MMNA, s.d.: 9.

Referente aos dados do ano 2019 (Quadro 3), a maior participação em atividades dinamizadas pelo MMNA correspondeu ao público escolar, com mais de 3000 participantes, sendo os que mais participaram os alunos das escolas do 1º Ciclo. O público sénior também tem alguma expressividade nas atividades do Museu, especialmente nos programas artísticos.

Através da análise dos dados fornecidos sobre a participação nos programas organizados pelo núcleo, podemos comprovar que na sua maioria as atividades são mais direcionadas para as escolas. E na sua maioria são realizadas nas próprias instalações das escolas.

As atividades que envolvem o público em geral corresponderam essencialmente à realização de eventos, especialmente na época do verão.

No caso da proveniência dos participantes, são essencialmente oriundos da zona, quer do concelho, quer das regiões imediatamente limitrofes.

Atividade		N.º de participantes	Pré-escolar	1º Ciclo	2º/3º Ciclo	Secundário	ATL	Sénior	Geral
Visitas guiadas		325		101			34	65	<b>125</b>
Em defesa do património	Canto dos Pássaros	<b>713</b>	281	<b>419</b>			13		
Tradição Oral	Lenda do Choupal	<b>572</b>	<b>355</b>	217					
Encontros com a História e Património	Terramoto	54				<b>48</b>	6		
	Gastronomia Tradicional	268		<b>253</b>					15
	Invasões Francesas	430			<b>322</b>	56		52	
	Gerais	293			88		6		<b>199</b>
	Fósseis	349			<b>345</b>		4		

	Conhecer a água na Quinta do Sobralinho	130		<b>125</b>			5		
	Património, o que é?	32			<b>26</b>		6		
Artes no Museu		<b>1442</b>					58	<b>735</b>	649
Oficinas Temáticas	Azulejo	110	<b>93</b>				17		
	Oficina Lenda do Castelo	62					<b>35</b>	27	
	História de um cacho de uvas	286		<b>266</b>			20		
	Taça do Neolítico	5					5		
	Outras	152		152					
Eventos		<b>4600</b>					140		<b>4460</b>
		<b>9823</b>	729	1533	781	104	349	879	5448

Quadro 3. Participantes nas atividades do MMNA no ano de 2019.





## **CAPÍTULO 4. O NÚCLEO MUSEOLÓGICO DE ALVERCA E A COMUNIDADE: RELAÇÕES**

As instituições culturais, têm diversas formas de se aproximar com a sua comunidade e essa aproximação faz-se muitas vezes através de uma cooperação mútua. Desta forma, podemos dizer que tanto os museus como as comunidades tentam realçar a importância que têm nesse processo, onde a sua relação muitas vezes depende de um mútuo consentimento.



**Figura 19.** Fachada do Núcleo Museológico. Fonte própria

Hoje em dia, somos envolvidos por várias organizações e instituições culturais que tornam o viver de uma sociedade ainda mais rica, permitindo em diferentes formas que o seu público consiga desenvolver uma consciência cultural e que seja um participante nos eventos e projetos de cada instituição ou organização. Para uma organização conseguir manter o seu estatuto, é preciso que tenha uma boa gestão das suas atividades e eventos numa forma de cumprimento da sua eficiência e eficácia. Uma organização ou instituição nascem com objetivos e propósitos a cumprir, para essas metas a que conseguir estimular o seu público para que consigam aderir aos seus eventos e atividades. Para o sucesso desses eventos e atividades, é necessário um grupo de indivíduos que sejam culturalmente ativos e com uma consciência cultural de aprender e ser educado.

Foi a pensar nessa relação que realizei a entrevista com Anabela Ferreira, coordenadora do Museu Municipal – Núcleo de Alverca, para tentar perceber a sua opinião e visão sobre as problemáticas gerais do sector cultural e perceber de que forma são realizadas a gestão e os

programas dentro do núcleo e quem são os responsáveis pelo todo o processo. Desta entrevista com a coordenadora, destaca-se a importância do público no funcionamento das instituições culturais. Como menciona a coordenadora, “sendo os museus espaços públicos de cultura a sua existência só faz sentido se os públicos se identificarem com os mesmos(...)”. Desta forma, a importância do público é assim realçada, sendo que qualquer instituição cultural tem como responsabilidade fazer com que o público que visita as suas instalações se sinta que pertence a esse lugar e que se identifique com o que é lhe exposto. Não importa as características dessas instituições, desde que consigam captar o interesse desses públicos é uma mais valia para a concretização dos seus objetivos. Uma instituição sem o seu público, não sobrevive.

#### **4.1. Os públicos do NNMA**

O público tem a capacidade de fazer com que uma certa instituição “mude” as suas práticas adequando-se as novas visões sociais. No caso do MMNA, ele funciona muito à base de experimentação dos eventos e da aprovação do seu público. Nesse sentido o público acaba por ter um poder muito importante sobre o museu e sobre os seus eventos. Porque sem público, os eventos não existem, portanto, a “voz” do público tem capacidade para mudar as práticas da instituição.

Cada instituição, tem a visão de aproximar esse público com o seu presente não esquecendo o passado histórico que os une. Essa troca de histórias, vai estabelecendo um laço entre essas instituições com as pessoas, sendo que no caso do MMNA a ligação entre o museu e a comunidade detem especial relevância, patente até nas recolhas feitas junto da população local para a construção das coleções do museu“(…) os museus, em particular os locais, detêm um importante papel identitário, capaz de fazer com que os públicos, em larga medida desenraizados, se encontrem com a história e património do local onde residem, trabalham e/ou estudam (...)”<sup>14</sup>.

Essa troca de histórias, vai ser um dos fatores de construção cultural das comunidades ou sociedades. E são um elo de relação, de como as instituições se comportam perante esse público.

Essa troca de histórias é sem dúvida uma linha de ligação entre as pessoas e como se vêm perante o seu passado traduzido no seu presente.

As histórias partilhadas, de alguma forma recriam uma imaginação conjunta do passado e que se une na forma de diálogo partilhada entre os membros dessa comunidade. Desta

---

<sup>14</sup> Excerto da entrevista realizada com a coordenadora do MMNA.

imaginação conjunta, as instituições conseguem retirar nelas as informações e moldá-las em forma de arte.

Com o desenvolvimento do “multiculturalismo”, os museus têm dado uma especial atenção a essa diversificação de públicos. Nesse sentido, os espaços culturais são pensados de forma a incluir essa variedade e poder chegar diretamente as pessoas que fazem parte desse percurso.

Essa ligação entre o público e os museus é tão natural, que muitas das vezes traduz-se na sua comunidade como fonte de transmissão e de influência.

Esse fator, vem na sequência do público ser parte da comunidade e representar um mundo multicultural. Essa imagem, traduz-se na sua representação da cultura. Deste modo, podemos dizer que o público é o conjugar de grupos de pessoas, que estabelecem uma ligação através de valores, experiências, histórias, entre outros fatores. Essa relação, é também vista através da representatividade de minorias e de etnias que muitas vezes, sofrem de exclusões e de preconceitos. Para o núcleo, é essencial que os objetivos estabelecidos sejam levados em prática.

Os museus nesse processo, têm a capacidade de manter a ligação entre o seu público, na medida em que não deixam perder essa conexão mesmo fora dos seus espaços.

A comunicação é um dos fatores essenciais ao sucesso desse processo. Ela permite criar uma unificação das decisões, das informações e de fácil transmissão dos conteúdos.

Essa comunicação traduz-se numa relação genuína entre os envolvidos e da forma que se vêm perante essa experiência. Nos programas, nas atividades, nas exposições, nos eventos, entre outros é onde se estabelece a relação entre a comunidade e o museu. Expressa-se desta forma uma conexão pessoal entre a instituição e o seu público. O Núcleo é visitado por públicos de características diversas (...) o público sénior institucionalizado é o que com mais frequência realiza aqui atividades(...)”<sup>15</sup>. Ao núcleo visitam na sua maioria mais homens e mulheres, com faixas etárias correspondentes entre os quarenta (40) e os oitenta (80) anos. E esses públicos, na sua maior parte são residentes da região e alguns estrangeiros que de passagem o visitam. As atividades realizadas pelo o núcleo, são o que mais a atraem esses públicos e assim influenciando-os também a visitar as exposições. Em relação a etnografia e a fotografia, esse tem vindo a ser realizada desde 1986, tem como objetivo sensibilizar a população local e de contribuição para as doações. Na sua maioria, o acervo do núcleo é constituído por objetos e documentos doados. A coordenadora, Anabela Ferreira, considera a salvaguarda das memórias da população o papel mais importante. Realça ainda que, tem sido um processo que exige muito

---

<sup>15</sup> Excerto da entrevista à coordenadora do MMNA.

esforço de recolha. Tendo em conta, que se relaciona com as exposições que ilustram a vida quotidiana da região. E finaliza dizendo que, é necessário valorizar a história e o património local. Esse processo, deve ser feito incluindo todos os públicos e desta forma criar uma identidade conjunta.

#### **4.2. A Gestão do Núcleo de Alverca**

Sendo o Núcleo Museológico de Alverca um núcleo do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, a gestão do espaço está ligada com o regulamento do MMVFX.

Os instrumentos de gestão são anuais e compostos por plano de atividades, o plano educativo, o relatório de atividades que inclui a avaliação interna, as estatísticas de visitantes e vendas nas lojas. Está ainda previsto a existência de outros instrumentos caracterizadores da função social do museu e dos diferentes tipos de públicos. O MMVFX não possui, até à data, um estudo de públicos.

O MMVFX tem um diretor e o MMNA tem um coordenador que garantem a execução das linhas programáticas.

Dentro dos objetivos definidos existe a preocupação pela captação de públicos, pela dinamização do museu e por incentivo a novas formas de visitação, como por exemplo, horários diferenciados. A divulgação do património imaterial está muito presente nos objetivos do museu, seja nos usos e tradições, seja na preservação da história oral, como disso é testemunho o conjunto de programas.

A Lei Quadro dos Museus Portugueses estabelece no artigo 86º que o programa museológico de cada instituição deve conter a definição dos objetivos a identificação e a caracterização dos bens culturais existentes ou a incorporar em função da sua incidência disciplinar e temática; a formulação das estratégias funcionais, designadamente nos domínios do estudo e investigação, incorporação, documentação, conservação, exposição e educação e a identificação dos públicos<sup>16</sup>. O MMNA preocupa-se em cumprir todos os seus objetivos e o planeamento, que inclui os vários departamentos ligados a gestão da instituição, e não deixando de focar no seu público. Em termos da missão, valores e visão do MMNA, orientados para com a sua comunidade, esse tem sido um processo muito desenvolvido e com um olhar sempre dentro das necessidades dessa comunidade, assente na sua participação muito alargada:

---

<sup>16</sup> Lei-Quadro dos Museus, Lei n.º 47/2004 de 19 de agosto artigo 86º.

“(...) o Núcleo de Alverca em particular, tem procurado desenvolver exposições que envolvem a comunidade e instituições locais (...) procura-se constantemente desenvolver projetos específicos para todo o tipo de públicos (...)”<sup>17</sup>.

O significado desse processo, estabelece-se entre a relação dos museus com a comunidade. São dois polos, que se unem e compartilham de conteúdos e de interação mútua. Esse processo, dá-se através de programas, de trocas de conhecimentos, experiências sociais e muito mais. Os museus permitem as comunidades vivenciar experiências únicas que influenciam a seu comportamento social dentro e fora desse espaço cultural. Essa relação só se consegue desenvolver, se tanto as comunidades como os museus trabalharem em conjunto.

Para além deste trabalho em torno da comunidade, o MMNA não deixa também de executar o seu papel de investigador, o que lhe permite desenvolver-se tanto a nível de conhecimentos, como a nível de representar a instituição perante o conceito que os museus são conhecidos: (...)” o museu tem também como objetivo e missão a investigação e a procura constante de maiores conhecimentos, servindo-se da História, Arqueologia, Antropologia, entre outras ciências (...)”<sup>18</sup>.

A fusão entre os museus e o sistema educativo traduz-se numa aprendizagem em vários níveis permitindo a criação de uma rede de transmissão de conhecimento e de saberes. É importante investir nesse tipo de projetos, não só porque permite criar diversas formas de interação entre o público e as instituições. Quanto maior for a rede de divulgação melhor para que o sistema educativo transmitido pelas instituições possam chegar a um público diverso e que consiga ter um maior acesso a essas redes, permitindo assim adquirir esses conhecimentos e reter essas informações. As várias áreas disponibilizadas para a realização desses estudos, vão ser capazes de fazer chegar esses conteúdos ao público que visita as exposições.

NO MMNA as interações entre os programas que são disponibilizados e a sua comunicação ocorre por forma de planos: “O planeamento das atividades do museu é produto do trabalho de uma equipa (...) após elaboração de qualquer projeto, o mesmo é apresentado para aprovação superior (...)”<sup>19</sup>. Todas as ações e atividades começam a ser preparadas em setembro do ano anterior, para iniciar em janeiro do ano seguinte. No mês de outubro é feita comunicação interna (ao nível do município) do programa que se pensa fazer, para ser aprovada superiormente (Diretor do Museu, Vereadora da Cultura). Depois do programa aprovado, são enviados os

---

<sup>17</sup> Excerto da entrevista realizada à coordenadora do MMNA.

<sup>18</sup> Excerto da entrevista realizada à coordenadora do MMNA.

<sup>19</sup> Excerto da entrevista realizada à coordenadora do MMNA.

conteúdos para o DCI (departamento de divulgação municipal). Apesar de ser feito com muita antecedência, o flyer de divulgação é rececionado no museu, na própria semana da atividade.

Mesmo, com esse planeamento antecipado de atividades e programas, se não houver aderência as aos projetos, esses ficam sem efeito. É importante nesse campo, que esses projetos sejam atrativos para o público que é dirigido. E só desta forma, é que a própria instituição começa a ganhar com a participação do público: “Os fatores determinantes para as atividades mais dinâmicas é, na minha opinião, o envolvimento da(s) comunidade(s) nos diversos projetos realizados(...)”<sup>20</sup>. A mudança dos hábitos de consumo por parte do público faz com que têm sempre em atenção quais as formas de cativar essas audiências e como podem inovar os seus conteúdos para poder satisfazer as necessidades dos consumidores. É preciso sempre ter em conta a diversificação de cada grupo de público e se essas atividades serão de interesse dos mesmos. O núcleo conta muito com a participação e o interesse da sua comunidade na adesão as atividades. Por vezes, esse tipo de dependência dificulta a realização de certos programas.

#### **4.3. Comunicação do Núcleo**

Sendo a comunicação e os meios para qual as instituições trabalham para chegar aos seus públicos essencial, a comunicação do MMNA apresenta algumas características que importa conhecer.

O facto de ser um pólo do Museu Municipal implica uma comunicação oficial a partir do museu sede. Ou seja, o MMNA não dispõe de sistemas de comunicação próprios. No campo da comunicação digital é de referir que o MMNA não tem redes sociais próprias e que o website é o do MMVFX.

A aposta em comunicação por via tecnológica e digital, tem ainda em conta a comunidade que envolve o núcleo de Alverca, essencialmente séniores, que não conseguem chegar as plataformas digitais, e nesse caso, aposta-se na “utilização dos meios convencionais como cartazes, folhetos, entregues em mão (...)”<sup>21</sup>. A utilização de meios informáticos é ainda essencial na operação do MMNA.

A distribuição de conteúdo por várias plataformas mediáticas permite que esses produtos se complementem contribuindo para criar uma maior e melhor experiência para quem visita o museu: “de acrescentar que para além dos meios próprios que o Museu Municipal de Vila Franca dispõe, contamos com a colaboração dos serviços da Divisão de Comunicação e

---

<sup>20</sup> Excerto da entrevista realizada à coordenadora do MMNA.

<sup>21</sup> Excerto da entrevista à coordenadora do MMNA.

Informação do município (...) é feita apresentação de todas as atividades realizadas disponibilizando esse programa on-line (...)”<sup>22</sup>. Sendo o feedback dos consumidores essencial, o MMVFX (e os seus núcleos), têm previstos mecanismos de registo dos tipos de públicos, sua análise, avaliação e estudo<sup>23</sup>.

As dificuldades sentidas são ainda de outra ordem e relacionam-se com a localização do MMNA, mais afastado das áreas centrais, mais movimentadas, não só pelos residentes, como ainda por turistas: “A maior dificuldade que sentimos é a promoção do Núcleo numa grande comunidade, pois o facto da cidade de Alverca ter crescido em termos populacionais nas últimas duas décadas, isso faz com que seja mais difícil dar a conhecer a existência do Núcleo Museológico(...)”<sup>24</sup>. Mas por outro lado, esse é o seu ponto forte, na medida em que todo o seu esforço é canalizado para a sua comunidade. E sendo uma pequena comunidade, a relação estabelecida torna-se num laço muito especial e único que não seria a mesma coisa que se estivesse noutra localização. O surgimento da tecnologia digital, veio trazer uma nova realidade ao mundo, principalmente ao público que consome conteúdos culturais. Tanto a cultura como as tecnologias modificaram a forma como nos comunicamos e de forma como criamos redes de comunicações digitais. Neste sentido, esse processo transformou-se numa rede aberta de distribuição de conteúdo e de interação com a audiência. O rápido desenvolvimento das tecnologias, trouxe para as sociedades uma melhor acessibilidade das informações o que permitiu aceder de forma fácil aos recursos digitais. As sociedades passaram a ter mais informações e mais conhecimentos devido a distribuição de conteúdo que lhes são apresentados por diferentes meios de comunicação.

O museu representa uma instituição local, comunicativo, poder no sentido material, poder educativo e poder de informar. São as características que representam o seu papel na sua sociedade e comunidade.

Desta entrevista, realça-se a importância que a cultura e os núcleos museológicos exercem sobre a sociedade e as comunidades que fazem parte do seu meio envolvente. Pelas palavras da Anabela Ferreira, coordenadora do Museu Municipal – Núcleo de Alverca, conseguimos sentir aqui uma ligação muito grande entre o Núcleo Museológico de Alverca e a sua comunidade. O núcleo não é apenas uma instituição cultural, ele vai mais para além desse título e isso consegue-se ver através das iniciativas e através da forma que se relaciona com a sua comunidade.

---

<sup>22</sup> Excerto da entrevista à coordenadora do MMNA.

<sup>23</sup> Regulamento Interno do MMVFX, art.º 18.º, ponto 3.

<sup>24</sup> Excerto da entrevista à coordenadora do MMNA.





## **CAPÍTULO 5. O NÚCLEO DE ALVERCA E OUTROS NÚCLEOS MUSEOLÓGICOS. UMA COMPARAÇÃO POSSÍVEL**

A definição que hoje damos aos museus, foi variando consoante o tempo e o espaço em que estão inseridos. Os museus ganharam outros significados, conjugando com as necessidades do seu público em geral. Hoje em dia, as instituições culturais têm uma grande capacidade de poder ajustar as suas necessidades com os da comunidade ou sociedade onde fazem parte. Deste modo, o seu desenvolver passa por fazer a gestão dos seus programas e de todos os fatores que fazem parte da sua instituição.

O sistema museológico do nosso país é constituído por uma divisão administrativa, composta por tutelas e por separação territorial. Esse tipo de organização, consegue trazer a sua única característica e a sua essência.

Esse tipo de distribuição, coloca muitos destas instituições como centro de desenvolvimento político-social dos seus territórios de administração. De forma, a garantir uma maior divergência cultural e que possa se relacionar com várias áreas de atuação.

Um dos grandes fatores que a maioria dos museus enfrenta, é fraca proteção quando ocorrem crises principalmente, crises económicas. Sem apoios financeiros, torna-se completamente difícil para que consigam manter uma gestão coesa dos seus programas.

Foi a pensar nesses fatores que se estudou o caso do Museu do Mar Rei D. Carlos, a partir da obra *“Relatos de um quotidiano fugaz. A Museologia municipal em Portugal, a partir da experiência de Cascais”*<sup>25</sup> (Querol, Alves e Costa, 2014). Tendo como base a reflexão das problemáticas em Portugal. Nesse seguimento, passo a usar esse estudo para comparar com o meu estudo de caso, núcleo Museológico de Alverca, para tentar perceber até que ponto essas tuas instituições se diferem ou em que aspetos se assemelham.

Sendo um museu marítimo, os seus contrastes são evidentes com o Núcleo Museológico de Alverca (apesar deste também ter ligações com ambiente natural), mas nesse caso reflete a essência natural na sua técnica, na sua história local e na forma como se apresenta perante a sua comunidade.

---

<sup>25</sup> O Museu do Mar Rei D. Carlos localiza-se a 20 km a oeste de Lisboa e é um local rodeado de muita história e principalmente porque a sua comunidade está ligada ao mar. É uma localidade com 650 anos de muita história com características de espaços naturais que lhe dão sentido sustentável que todos procuram.



**Figura 20.** Museu do Mar Rei D. Carlos, em Cascais. Fonte própria

Apesar das dificuldades muito desses museus, são a prova de que o meio natural pode funcionar como forma de cultura, e que fazem da história que os liga a “arma” para o seu sucesso.

Os museus como os municípios têm desempenhado um papel essencial na construção das políticas culturais, conjugando esses com as necessidades sociais onde estão localizados e deste modo traçando uma posição mais estratégico na toma de decisão.

Desta tomada de decisão, os museus e os municípios atuam em várias áreas principalmente no exercício da sociedade. As suas ações são planeadas para responder as necessidades da sua população local, seja de forma social ou educativa. Com a sua comunidade, traçam-se uma cooperação mútua de saberes e de experiências.

Apesar do desenvolvimento dos museus, muitos ainda se encontravam em dificuldade para manter um orçamento próprio coeso. Em contrapartida, muitos concentraram a sua atenção nos recursos informáticos e no melhoramento da sua tecnologia digital.

No mesmo seguimento, vemos que ainda existem falhas no sistema da documentação das coleções e dos inventários o que dificulta a recolha de dados.

Porém, com todas essas falhas os museus conseguiram superar-se e fazer com que as áreas onde atuam sejam bem servidas como a educação e na forma como investem nos seus programas e nos seus parceiros

No que toca a gestão dos museus, esse passou por centrar a sua estrutura numa composição de diferentes polos divididos em sedes por todo o território.

O Museu do Mar Rei D. Carlos, inicia as suas atividades no sector da investigação de campo e junto da população local principalmente da comunidade piscatória. Foi feito um levantamento histórico do local desde os seus primórdios até atualidade.

A cooperação entre o museu e a comunidade tem trazido benefícios aos dois, tanto porque há uma troca de conhecimentos e de qualificação das necessidades de cada um. Deste modo permitindo chegar as comunidades e tentar perceber as diversificações da comunidade local e principalmente no sector cultural.

O sítio onde se encontra o museu, está recheado de história e são essas histórias que dão ainda mais significado a sua existência. É importante transmitir essa história, para que a sua comunidade local se identifique com o processo ao longo do tempo e que possam fazer uma partilha de memória. Essa experiência vai permitir, traçar uma linha histórico-social do território e dar um novo significado<sup>26</sup>.

Apesar de responderem a Câmara Municipal de Cascais, os próprios seguem a sua lógica, tendo como missão a sua transformação num museu não só local como global. Deste modo, incentivam o desenvolvimento de programas temáticas que possam ir em contra a vários públicos entre a tradição, educação e a sua sustentabilidade. É esse o cariz que o museu segue, é para isso que serve a sua missão.

Tal igual como o núcleo, que apesar de estar sobre a tutela do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, também se rege pela sua própria missão e pela a relação que estabelece com a sua comunidade local. Podendo traçar vários programas que vão em conta as necessidades deles.

Um museu pode ser sinónimo de muitas definições, mas principalmente porque é um elo entre pessoas e instituições. Tanto o Núcleo como o Museu do Mar Rei D. Carlos, estabelecem uma relação entre a sua comunidade e o elo que esses têm com a própria instituição.

---

<sup>26</sup> Por detrás deste museu encontra-se uma longa história que vem desde os séculos XVIII e XIX, estando este situado no local onde se encontrava parada militar dos regimentos aquartelados na Fortaleza de Cascais. Em 1879 no local nasceu o Sporting Clube de Cascais, que funcionou até 1974. E é a partir desse espaço e edifício que edifica o atual Museu.

O Museu do Mar Rei D. Carlos, além de trabalhar em conjunto com outros museus nacionais, também coopera com museus de outros países, tornando assim esse processo num plano de partilha, de saberes e de troca de experiências. Esse fator diferencia-se com o do Núcleo, sendo que o núcleo não tem essas características naturais e não é tão central a investigação científica com outros países. Também porque, é uma instituição pequeno que desenvolve os seus programas para a sua comunidade e só.

No caso do Museu do Mar Rei D. Carlos, os museus definem-se pelo seu exercício de partilha cultural não só a nível nacional, mas global. É sem dúvida uma mudança que veio trazer uma união entre os vários sectores não só cultural, mas em todas as etapas da sociedade e do público que faz parte dela.

Essa interligação entre os vários sectores, traduz-se numa pluridisciplinaridade de diálogos entre os museus de forma a construir um caminho de conhecimento e partilha.

AS duas instituições encontram-se num mesmo pensamento, no que diz respeito as estratégias compatíveis com as necessidades da sua comunidade, deste modo tentar chegar as problemáticas relacionadas com o exercício cultural, social e patrimonial da sua localidade.

O Museu do Mar Rei D. Carlos, tenta criar uma ligação entre as pessoas e as suas histórias e desta relação são criadas exposições. Das suas experiências, nascem as mais belas histórias que cativam audiências de várias idades.

O museu ganha assim significado de mediador de construção de uma identidade que se espalha em várias áreas de atuação dentro da sua comunidade.

A fusão entre os museus e o sistema educativo traduz-se numa aprendizagem em vários níveis permitindo a criação de uma rede de transmissão de conhecimento e de saberes.

Esse processo é também levado ao cabo por parte do Núcleo, onde participa no desenvolvimento do programa “O Museu Oferece”, um programa que tem como intuito servir de educador perante o seu público.

Ou seja, estabelece ferramentas capazes de transmitir saberes e envolver esse mesmo público no desenvolvimento das atividades e procura incluir todas as diversidades e permitir que esses possam adquirir novas experiências.

Mais uma vez, as duas instituições enfrentam algumas semelhanças. No caso do Museu do Mar Rei D. Carlos, a falta de interesse pelos museus marítimos pode-se traduzir na fraca aderência a nível nacional. E a falta de cooperação entre as instituições pode ser um dos entraves. Também na falta de integração do público infanto-juvenil nos seus programas. Para resolver esse problema, o museu resolveu criar um projeto que envolvesse essas crianças e as suas famílias

Este projeto consta com a colaboração das crianças e as suas famílias. O projeto será exposto numa sala onde se pode visitar. A intenção é criar uma ligação entre a prática e a teoria, para ver a percepção das pessoas ao projeto. No caso do Núcleo, sendo esse numa pequena comunidade e a tutela de uma instituição maior, pode criar entraves ao incentivo de participação do público. Tendo que se inovar em cada momento, para não perder esses públicos. E o seu público alvo são as escolas, e nesse sentido diferencia-se do Museu do Mar Rei D. Carlos, no sentido em que os programas já estão pensados e planeados para esses públicos.

Apesar do envolvimento das gerações nesses projetos, (do Museu do Mar Rei D. Carlos), por vezes torna-se difícil a participação de todos. A geração mais juvenil, encontra-se numa etapa da vida que não querem saber do passado, sentem-se mais seguros no olhar para o presente e o futuro. Porém, as festas da comunidade são a chave de atração desses jovens, como por exemplo as festas do mar, que acompanham muitos jovens e adultos a relembrar as tradições.

A falta de novos públicos, é uma das grandes problemáticas enfrentadas pelo museu. E de que forma a investigação de projetos pode contribuir para chamar público e ir em conta as necessidades deles.

Esses desafios são a forma mais eficaz de desenvolver novas técnicas de atuação. São modos de combater as problemáticas, criar caminhos, novas formas de gerir os programas e os projetos em geral.

Para poder atingir a visão do museu é preciso repensar todas as etapas. Neste caso como a visão do museu é ter uma cariz social, cultural, econômica e sustentável é importante que os seus programas sejam focadas nesses objetivos e introduzi-las no contexto da sua museologia.

São esses os mesmos parâmetros, que o núcleo valoriza também. Sendo que a sua característica passa por tocar em vários sectores de atuação, tanto no sector social, económico e cultural do meio onde está inserido. Tendo como fator influenciador dessa atuação.

Para concluir esse capítulo, devemos considerar as instituições culturais não só para uns, mas sim para todos os que pertencem a cultura em todas as suas formas. Sejam públicos de gerações diferentes ou um grupo de pessoas pertencentes a mesma comunidade é para quem viver da experiência de saberes e de conhecimentos.

Apesar dos esforços no desenvolvimento da museologia, parece que ainda existe um distanciamento do público e as instituições. Mas ao mesmo tempo, os museus são órgãos que têm a capacidade de transformar e modificar vários sectores.

O desafio passa por integrar a sociedade no desenvolvimento do conceito cultural, de forma a tornar esse processo mais viável de relação entre instituições e o público.

O significado de museu local, é mais do que pequeno em tamanho, é algo que une não só uma comunidade, mas sim histórias que provêm deles.

São várias as etapas que os museus devem conquistar, deste modo, é necessário reorganizar as medidas de gestão capazes de ir em conta a todas as necessidades encontradas.

É preciso enquadrar os conceitos de identidade, cultura e patrimônio nos objetivos para que sejam incluídos nos processos de forma a dinamizar e transformar nos programas futuros.

## CONCLUSÃO

Termino esse trabalho, voltando a realçar a importância que os museus exercem sobre as suas comunidades.

O museu hoje em dia, desempenha um papel central no que toca ao contributo da cultura, as suas ações conseguem desenvolver tanto a economia como o meio social onde está inserido.

Por desempenhar tal papel, também encontra muitos desafios no decorrer do processo. Desafios esses, que têm muitas vezes a ver com a falta de financiamento para a realização desses projetos. Sendo que, cada museu tem a sua própria característica e muitos são museus que dependem de ajudas externas para a concretização da sua gestão.

A comunidade é parte desse contributo, sem o seu público os museus não conseguem sobreviver. Sendo que, os museus trabalham para o seu público. Toda a gestão, é a pensar no seu público, não tem como sobreviver sem esse fator. Deste modo, conjugando esses fatores, podemos dizer que os museus e a sua comunidade, mais precisamente, o seu público são como um só, pois representam o esforço mútuo. Esforço esse, que se vê através da conservação e da proteção do património. Esse torna-se o papel da comunidade, que com ajuda do museu consegue proceder com essa função.

Esse processo conjuga-se com a conservação da memória, ou seja, a proteção e a preservação do património cultural, é a forma mais direta de não se esquecer do passado e poder passar esse processo de geração em geração. E assim, podemos conseguir melhorar o desenvolvimento local, tanto a nível económico como social.

Os museus são moldados pelo meio onde estão inseridos, muitos têm as características da sua localidade. E essas características são adaptáveis as da sua comunidade, que serve como forma de mostrar a sua identidade e a sua cultura local.

Aqui entra o processo de garantir o desenvolvimento de tudo que é feito localmente, tanto na sua forma material ou imaterial. A contribuição dos museus, será de divulgar essas atividades de forma a chamar um maior número de pessoas.

Esse tipo de projeto por menor que seja, ela consegue fazer alterações significativas perante a comunidades locais.

O Museu ganha o conceito que abrange muitas áreas não só material, mas também imaterial e património natural. Além disso, tem como função conservar, salvaguardar e exibir nas suas instalações coleções e exposições para o seu público.

Os museus por vezes não conseguem cooperar com as suas comunidades na medida é que não chegam as necessidades dos próprios. A comunidade é um conjunto de indivíduos que partilham a mesma identidade e são autónomas.

Todo esse percurso de uma comunidade é delineado entre histórias partilhadas que se transformam em memórias que se desenvolvem no tempo. É neste seguimento que os museus entram de salvaguarda ou de preservação desse percurso e dessas memórias.

O papel de um museu serve para dar a conhecer o significado da nossa presença, da nossa história e de como foi evoluindo ao longo dos tempos. É como se nos representasse num papel principal que passa em geração em geração, mas que não fica só no tempo.

O uso da memória por parte das instituições veio dar uma nova forma de discutir os acontecimentos passados dentro do presente com reflexão para o futuro. Perceber o passado e olhar dentro das problemáticas e tentar dar respostas com base do que se sabe no presente.

A pandemia de covid-19, trouxe uma nova realidade as instituições culturais e levantou questões sobre as mudanças que devem ser feitas.

Apesar das circunstâncias e das dificuldades, nota-se um ajustamento das instituições as crises. Nesse sentido, é preciso que as organizações possam investir em estudos capazes de dar respostas as crises futuras.

Em relação ao Núcleo Museológico de Alverca, resta concluir, que apesar de não se localizar numa zona turística de Lisboa, de não ser um núcleo de grande porte, ela é sem dúvida uma instituição tão importante como as outras.

É uma instituição que se localiza numa região cheia de história, de uma comunidade que vive do seu quotidiano e que se envolve nos fazeres socioculturais.

O núcleo tem a capacidade de gerir os seus programas e de se relacionar com o seu público de uma maneira impressionante. Que mesmo tendo de responder ao Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pelos seus programas, esse não lhe tira a autonomia que tem perante a sua comunidade. Exerce uma grande influência no serviço educacional, na medida em que a maioria dos seus programas é essencialmente para o público escolar. Esses programas são essencialmente para que a cultura da região não se perca no tempo. Desta forma, mantém na memória do seu público, esse passado que representa a sua identidade enquanto comunidade. Para uma instituição pequena, o núcleo consegue repartir muito bem as suas atividades consoantes o público e consoante os temas retratados em cada programa. Nessa sequência, é importante ter um corpo de especialistas para ajudar nos projetos. Uma equipa disciplinada tem capacidade para desenvolver condições favoráveis para os projetos. O desafio passa por integrar a comunidade no desenvolvimento do conceito cultural. Sendo que, a imagem dos museus,



passa por servir a sociedade e estar presente nas problemáticas da sociedade. E não só, também tem como papel formar a consciência social da sua comunidade.

E desta forma, podemos dizer que os museus deixaram de ter aquela imagem materialista que tanto os caracterizava, para hoje em dia passarem a ser instituições socioculturais e humanizadas. Apesar de que, enfrentam muitos obstáculos na sua gestão, nunca deixaram de trabalhar para o seu público e esse esforço é que contribui para o sucesso desse percurso.



## **FONTES**

### **Legislação:**

UNESCO e ICOM (1972), Declaração da Mesa de Santiago do Chile sobre o desenvolvimento e o papel dos museus no mundo contemporâneo.

UNESCO (2003), Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial.

Lei 107/2001 de 8 de setembro, *Diário da República*, n.º 209, Série I-A, de 08-09-2001. Estabelece as bases da política e do regime de protecção e valorização do património cultural.

Lei 47/2004 de 19 de agosto, *Diário da República*, n.º 195, Série I-A, de 19-08-2004. Aprova a Lei-Quadro dos Museus Portugueses.

Governo de Portugal, *Programa do III Governo Constitucional 1978*. Disponível em <https://www.historico.portugal.gov.pt/media/464018/GC03.pdf>

### **Fontes escritas:**

Leal, Pinho (1973), “Alverca do Ribatejo”, *Portugal Antigo e Moderno*, vol, I, Lisboa, Livraria Editora Mattos Moreira e Cia.

### **Fontes municipais:**

Museu Municipal de Vila Franca de Xira – Núcleo de Alverca: Ações Educativas, s.d.

Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (2021), *Oferta Municipal Serviços Educativos 2021/2022*, Disponível em [https://www.cm-vfxira.pt/cm-vfxira/uploads/writer\\_file/document/26442/servicoseducativosmunicipais\\_2021\\_2022.pdf](https://www.cm-vfxira.pt/cm-vfxira/uploads/writer_file/document/26442/servicoseducativosmunicipais_2021_2022.pdf)

Regulamento Interno do Museu Municipal de Vila Franca de Xira, *Diário da República*, 2ª série, n.º 15, 22 de janeiro de 2007.

Museu Municipal de Vila Franca de Xira – Núcleo de Alverca, Dados estatísticos sobre a listagem dos participantes nos Programas do MMNA. [Informação não tratada arquivisticamente].

### **Fontes Orais:**

Entrevista a Anabela Ferreira, coordenadora do Museu Municipal – Núcleo de Alverca, realizada em 3 de março de 2022 via e-mail



## **BIBLIOGRAFIA**

- Abreu, João Pedro Coelho Gomes (2013), *Museus: Identidade e Comunicação Instrumentos e contextos de comunicação na museologia portuguesa*, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Lisboa, ISCTE.
- Anico, Marta (2008), *Museus e pós-modernidade: discursos e performances em contextos museológicos locais*, Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- Barrett, Jennifer (2011), *Museums and the Public Sphere*, John Wiley & Sons, Ltd.
- Black, Graham (2005), *The Engaging Museum: Developing museums for visitor involvement*, Routledge.
- Belchior, Ana Raquel (2011), *Museus e comunidade: museu móvel, uma pesquisa itinerante*, Dissertação de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Lisboa, ISCTE.
- Bosch, Annette van den (2007), “Museums constructing a Public Culture in the Global Age”, In Watson, Sheila (Ed.), *Museums and their Communities*, Routledge, pp. 81-89.
- Camacho, Clara Frayão (Coord.) (2021), *Relatório Final do Grupo de Projeto Museus no Futuro*, Lisboa, DGPC.
- Clifford, J. (1997), “Museums as contact zones”, In *Routes: Travel and Transformation in the Late Twentieth Century*, Cambridge MA, Harvard University Press.
- Costa, Afonso e Anabela Ferreira (coord.) (2015), *Alverca, uma cidade com história e memória: roteiro do património*, Alverca, União de Freguesias de Alverca do Ribatejo e Sobralinho.
- Crooke, Elizabeth (2008), *Museums and Community: Ideas, Issues and Challenges*, London, Routledge.
- D' Harnoncourt, Anne, Paul D. DiMaggio, Marilyn Perry e James N. Wood (1991), “The Museum and the Public”, In Feldstein, Martin (Ed.), *The Economics of Art Museums*, University of Chicago Press, pp. 35-60.
- Duncan, Carol (1995), “The Art Museum as Ritual”, *Civilizing Rituals Inside Public Art Museums*, London, Routledge.
- Carvalho, Ana (2011), *Os Museus e o Património Cultural Imaterial, Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*, Lisboa, Colibri.
- Constantino, Beatriz Jorge Claro (2017), *Gestão de Museus em Portugal: Impacto dos Serviços Adicionais na sua Performance*, Dissertação de Mestrado em Gestão e Planeamento de Turismo, Aveiro, Universidade de Aveiro.

- Custódio, Jorge (Coord.) (2010), *100 anos de património: memória e identidade: Portugal 1910-2010*, Lisboa, Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico.
- Ferreira, Anabela (2007), *Casa da Câmara de Alverca Conhecer a sua História, Valorizar um Património (1755-1855)*, Dissertação do Mestrado em Estudos de Património, Lisboa, Universidade Aberta.
- Ferreira, Anabela (2009), *Fragments de Alverca: História e Património*, Loures, Gráfica.
- Figueira, Luis Mota e Dina Ramos (2019), *Museus de Comunidade-Manual de apoio a gestão*, UA Editora, Universidade de Aveiro.
- Gstraunthaler, Thomas e Martin Piber (2007), *Performance Measurement and Accounting: Museums in Austria*, *Museum Management and Curatorship*, Vol. 22 (4), pp. 361-375.
- Gob, André e Noémie Drouguet (2006), *La muséologie, Histoire, développements, enjeux actuels*, Deuxième édition, Paris, Armand Collin.
- Gomes, Rui Telmo e Vanda Lourenço, (2009). *Democratização cultural e formação de públicos: Inquérito aos “Serviços Educativos” em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- Gomes, Rui Telmo, Vanda Lourenço e Teresa Duarte Martinho (2006), *Entidades culturais e artísticas em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.
- «História» [do município de Vila Franca de Xira], Disponível em <https://www.cm-vfxira.pt/municipio/o-concelho/historia>
- “História e Identidade” [Movimento Internacional para uma Nova Museologia], disponível em <https://www.minom-portugal.org/sobre/>.
- “History of ICOM”, Disponível em <https://icom.museum/en/about-us/history-of-icom/>.
- Negri, Massimo (Ed.) (1994), *New Museums in Europe, 1977-1993*, Editora Mazzotta
- Hudson, Kenneth (1992), “The Dream and the Reality: Kenneth Hudson discusses 20 years of ecomuseums and ecomuseology”, *Museums Journal*, 92(4), pp. 27-31.
- Hudson, Kenneth (1993), “The great European museum”, *Nordisk Museologi*, 2, pp. 51-60.
- Liston, David (Ed.) (1993), *Museum Security and Protection; A handbook for cultural heritage institutions*, ICOM and the International Committee on Museum Security, London, Routledge.
- Luna, Maria Isabel Soares de (2011), *Incorporação e Desincorporação em Museus-História, realidade e perspectivas futuras*, Tese de Mestrado em Museologia: Conteúdos Expositivos, Lisboa, ISCTE.

- Mason, Rhiannon (2004), “Conflict and Complement: An Exploration of the Discourses Informing the Concept of the Socially Inclusive Museum in Contemporary Britain”, *International Journal of Heritage Studies*, vol. 10 (1), pp. 49-73.
- Mota, Arsénio e Alberto Mesquita, (2014), *Uma vida como obra*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.
- Nascimento, Beatriz Castedo (2020), *Núcleo Museológico de Alverca do Ribatejo; conservando identidades*, Dissertação de Mestrado em museologia e museografia, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- Neves, José Soares (2021), “Políticas culturais de museus em Portugal: ciclos e processos de reflexão estratégica participada”, *Midas*, 13. Disponível em: <http://journals.openedition.org/midas/2956>
- Neves, Jose Soares, Jorge Alves dos Santos e Joana Saldanha Nunes (2008), “Os museus em Portugal: políticas públicas e dinâmicas do sector em Portugal nos anos mais recentes”, *VI Congresso Português de Sociologia Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, Lisboa, 25-28 junho de 2008.
- Neves, José Soares, Jorge Alves dos Santos e Maria Joao Lima (2013), *O Panorama Museológico em Portugal: os Museus e a Rede Portuguesa de Museus na Primeira Década do Século XXI*, Lisboa, DGPC.
- Macdonald, Sharon and Gordon Fyfe (Eds.) (1998), *Theorizing Museums: Representing Identity and Diversity in a Changing World*, Wiley-Blackwell.
- Pimentel, Cristina (2005), *O sistema museológico português (1833-1991): em direção a um novo modelo teórico para o seu estudo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Querol, Lorena Sancho, Jorge Alves e Maria Fernanda Costa (2014), “Relatos de um quotidiano fugaz. A Museologia municipal em Portugal, a partir da experiência de Cascais”, *Expressa Extensão, Pelotas*, v.19 (2), pp. 23-42.
- Remelgado, Ana Patrícia Soares Lapa (2014), *Estratégias de Comunicação em Museus Instrumentos de Gestão em Instituições Museológicas*, Tese de Doutoramento em Museologia, Porto, Universidade do Porto.
- Rivière, Georges-Henri (1993), *La Muséologie : Cours de muséologie, textes et témoignages*, Bordas Editions.
- Santos, David e Graça Soares Nunes (2013), *Cira-do patrimonio a história*, Vila Franca de Xira, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

Santos, Jorge Alexandre Alves dos (2009), *Rede Portuguesa de Museus: as formas de articulação e cooperação inter-museus*, Tese de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação, Lisboa, ISCTE.

Sousa, Olga Cristina Campos de (2012), *Visita(s) ao Museu: os utilizadores e a informação oficial disponibilizada através da internet*, Tese de Mestrado em Informática Aplicada à Sociedade da Informação e do Conhecimento, Lisboa, ISCTE.

“Um pouco da história de Alverca”, disponível em <https://www.jf-alvercasobralinho.pt/freguesia/historia>

Watson, Sheila (Ed.) (2007), *Museums and their communities*, London, Routledge.



# ANEXOS

## Anexo A – Guião de entrevista aplicado

Entrevista no âmbito da tese de dissertação apenas para fins académicos

Via de contextualização sobre a gestão do Núcleo Museológico de Alverca do ponto de vista dos responsáveis e as problemáticas relacionadas com o sistema cultural do país

### 1. Perguntas gerais relacionadas com o meio envolvente dos museus:

- i) Concorda com a preocupação que os museus têm atualmente com as necessidades dos públicos? Por quê?
- ii) Na sua opinião, quais os principais meios que os museus têm atualmente ao seu dispor para chegarem aos seus públicos?
- iii) Os museus são agentes culturais que contribuem para uma maior mudança dentro da sociedade. Concorda com essa afirmação?

### 2) Sobre o Núcleo Museológico de Alverca:

- i) Quais os objetivos definidos e estabelecidos para o núcleo? Que medidas são tomadas para pôr em prática esses mesmos objetivos?
- ii) Qual a relevância da missão, valores e visão do núcleo museológico de Alverca na capacidade de atrair públicos e de envolver a comunidade?
- iii) Qual é o esquema de organização do núcleo e como está estruturado?
- iv) Além do seu papel como educador, na sua opinião quais seriam outras características desta instituição?

### 3) Sobre as atividades do Núcleo Museológico de Alverca:

- i) Como é feito o planeamento de atividade do núcleo? É feito por um responsável ou resulta de vários contributos? A comunidade local contribuiu para o planeamento de atividades?
- ii) na sua opinião quais os fatores determinantes para atividades mais dinâmicas?

4) Sobre a Comunicação do Núcleo Museológico:

- i) Como é feita a comunicação do Núcleo? Em que suportes?
- ii) A comunicação é sobre as atividades, sobre o núcleo em si, sobre a cultura no concelho, ou sobre todos estes assuntos?

5) Sobre os públicos do Núcleo Museológico:

- i) O núcleo é visitado, essencialmente, por quem?
- ii) Como é registada a presença do público?
- iii) Quais as dificuldades enfrentadas para promover o núcleo numa pequena comunidade? Na sua opinião, a posição geográfica é um fator determinante para o sucesso de um museu?
- iv) Para quem não conhece o núcleo como o descreve e quais as características que o distinguem dos outros?

**Anexo B** - Folha de registo de entrada de públicos, até finais de 2018. Critérios de idade e género

Dezembro		<26	26-47	46-65	>66	<26	26-47	46-65	>66	Total	OBSERVAÇÕES
1	Sábado										
Restauração da Independência											
2	Domingo										
3	Segunda										
Encerrado ao Público											
4	Terça										
5	Quarta										
6	Quinta										
7	Sexta										
8	Sábado										
9	Domingo										
10	Segunda										
11	Terça										
12	Quarta										
13	Quinta										
14	Sexta										
15	Sabado										
16	Domingo										
17	Segunda										
18	Terça										
19	Quarta										
20	Quinta										
21	Sexta										
22	Sabado										
23	Domingo										
24	Segunda										
25	Terça										
26	Quarta										
27	Quinta										

**Anexo C** - Folha de registo de entrada de públicos, desde finais de 2018 até hoje. Critérios de idade, nacionalidade e local de residência.

Setembro		Nacionais				Estrangeiros				Municip es	Outros Concelho s	OBSERVA ÇÕES
		<25	26-45	46-64	> 65	< 25	26-45	46-64	> 65			
1	Domingo											
2	Segunda											
3	Terça											
4	Quarta											
5	Quinta											
6	Sexta											
7	Sábado											
8	Domingo											
9	Segunda											
10	Terça											
11	Quarta											
12	Quinta											
13	Sexta											
14	Sábado											
15	Domingo											
16	Segunda											
17	Terça											
18	Quarta											
19	Quinta											
20	Sexta											
21	Sábado											
22	Domingo											
23	Segunda											
24	Terça											

## Anexo C - Planta do Núcleo Museológico de Alverca



**Anexo D – Listagem dos participantes nos Programas do MMNA, por escalão etário**

2019	Atividade		N.º de participantes	Pré-escolar	1º Ciclo	2º/3º Ciclo	Secundário	ATL	Sénior	Geral	
janeiro	Visitas guiadas		26						5	21	
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	203	113	90						
		Tradição Oral	Lenda do Choupal	84	84						
	Encontros com a História e Património	Terramoto		29				29			
		Gastronomia Tradicional		83		83					
		Invasões Francesas		283			231			52	
		Gerais		4							4
	Artes no Museu		103						47	56	
			815								
fevereiro	Visitas guiadas		122		77				25	20	
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	25		25						
		Tradição Oral	Lenda do Choupal	279	205	74					
	Encontros com a História e Património	Terramoto		0							
		Gastronomia Tradicional		86		86					
		Invasões Francesas		130			74	56			
		Gerais		4							4
		Fósseis		100			100				
Artes no Museu		140						66	74		
			886								
março	Visitas guiadas		37						24	13	
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	127	46	81						
		Tradição Oral	Lenda do Choupal	164	66	98					
	Encontros com a História e Património	Terramoto		0							
		Gastronomia Tradicional		84		84					
		Invasões Francesas		0							
		Gerais		13							13
		Fósseis		26			26				
Conhecer a água na		125		125							

		Quinta do Sobralinho							
	Artes no Museu		163					106	57
			739						
abril	Visitas guiadas		5						5
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	24		24				
		Tradição Oral	Lenda do Choupal	45		45			
	Encontros com a História e Património	Terramoto		0					
		Gastronomia Tradicional		0					
		Invasões Francesas		0					
		Gerais		46					46
		Fósseis		26			26		
	Conhecer a água na Quinta do Sobralinho		0						
Artes no Museu		105					48	57	
Oficinas Temáticas	Azulejo	93	93						
			344						
maio	Visitas guiadas		14						14
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	23		23				
		Tradição Oral	Lenda do Choupal	0					
	Encontros com a História e Património	Terramoto		0					
		Gastronomia Tradicional		0					
		Invasões Francesas		0					
		Gerais		80					80
		Fósseis		0					
	Conhecer a água na Quinta do Sobralinho		0						
Artes no Museu		199					113	86	
Oficinas Temáticas	Azulejo	0							
			316						
junho	Visitas guiadas		0						
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	0						
		Tradição Oral	Lenda do Choupal	0					

		Terramoto	0							
		Gastronomia Tradicional	0							
		Invasões Francesas	0							
	Encontros com a História e Património	Gerais	10						10	
		Fósseis	0							
		Conhecer a água na Quinta do Sobralinho	5				5			
	Artes no Museu		192					136	56	
	Oficinas Temáticas	Azulejo	0							
	Eventos		797						797	
			1004							
julho	Visitas guiadas		34				34			
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	0							
	Tradição Oral	Lenda do Choupal	0							
	Encontros com a História e Património		Terramoto	6				6		
			Gastronomia Tradicional	0						
			Invasões Francesas	0						
			Gerais	6						6
			Fósseis	0						
			Conhecer a água na Quinta do Sobralinho	0						
		Património, o que é?	6				6			
	Artes no Museu		56				25	31		
Oficinas Temáticas	Azulejo	17				17				
	Oficina lenda do castelo	23				23				
Eventos		2253				95			2158	
			2401							
agosto	Visitas guiadas		0							
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	13				13			
	Tradição Oral	Lenda do Choupal	0							
	Encontros com a História e Património	Terramoto	0							
		Gastronomia Tradicional	0							



		Invasões Francesas	0							
		Gerais	6				6			
		Fósseis	4				4			
		Conhecer a água na Quinta do Sobralinho	0							
		Património, o que é?	0							
	Artes no Museu		41				33	8		
	Oficinas Temáticas	Azulejo	0							
		Oficina lenda do castelo	12				12			
		História de um cacho de uvas	20				20			
	Eventos		1493				45		1448	
			1589							
setembro	Visitas guiadas		14					6	8	
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	0							
	Tradição Oral	Lenda do Choupal	0							
	Encontros com a História e Património	Terramoto		0						
		Gastronomia Tradicional		0						
		Invasões Francesas		0						
		Gerais		12						12
		Fósseis		0						
		Conhecer a água na Quinta do Sobralinho		0						
	Património, o que é?		0							
	Artes no Museu		35					15	20	
	Oficinas Temáticas	Azulejo		0						
		Oficina lenda do castelo		0						
História de um cacho de uvas		0								
Taça do Neolítico		5				5				
Eventos		0								
			66							
outubro	Visitas guiadas		58		24				34	

	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	0						
	Tradição Oral	Lenda do Choupal	0						
	Encontros com a História e Património	Terramoto	0						
		Gastronomia Tradicional	0						
		Invasões Francesas	0						
		Gerais	36			31			5
		Fósseis	193			193			
		Conhecer a água na Quinta do Sobralinho	0						
		Património, o que é?	0						
	Artes no Museu		196					90	106
	Oficinas Temáticas	Azulejo	0						
		Oficina lenda do castelo	0						
		História de um cacho de uvas	160		160				
		Taça do Neolítico	0						
		Outros	87		87				
	Eventos		57						57
			787						
novembro	Visitas guiadas		0						
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	255	99	156				
	Tradição Oral	Lenda do Choupal	0						
	Encontros com a História e Património	Terramoto	19			19			
		Gastronomia Tradicional	0						
		Invasões Francesas	0						
		Gerais	17						17
		Fósseis	0						
		Conhecer a água na Quinta do Sobralinho	0						
		Património, o que é?	26			26			
Artes no Museu		128					52	76	
	Azulejo	0							

		Oficina lenda do castelo	27					27		
	Oficinas Temáticas	História de um cacho de uvas	106		106					
		Taça do Neolítico	0							
		Outros	0							
	Eventos		0							
			578							
dezembro	Visitas guiadas		15					5	10	
	Em defesa do património	Canto dos Pássaros	43		43					
	Tradição Oral	Lenda do Choupal	0							
	Encontros com a História e Património		Terramoto	0						
			Gastronomia Tradicional	15						15
			Invasões Francesas	17		17				
			Gerais	59		57				2
			Fósseis	0						
			Conhecer a água na Quinta do Sobralinho	0						
			Património, o que é?	0						
	Artes no Museu			84					23	61
	Oficinas Temáticas		Azulejo	0						
			Oficina lenda do castelo	0						
			História de um cacho de uvas	0						
			Taça do Neolítico	0						
		Outros	65		65					
Eventos			0							
			298							